

Prefácio / FOREWORD	2
Introdução / INTRODUCTION	6
Moncarapacho	14
Cerro da Cabeça / THE CERRO DA CABEÇA HILL	26
Cerro de São Miguel / THE CERRO DE SÃO MIGUEL HILL	32
Fuseta	40
Leituras Recomendadas / RECOMMENDED READING	55
Conselhos aos caminhantes / ADVICE TO TRAVELERS	56
Caminhos Romanos / ROMAN ROUTES	58
Caminho de São Miguel / SÃO MIGUEL ROUTE	60
Caminho da Ria Formosa / RIA DA FORMOSA ROUTE	62
Ficha Técnica / CREDITS	64



“Até na caminhada mais curta devíamos partir talvez movidos pelo espírito da eterna aventura, sem retorno à vista, preparados para enviar para os nossos reinos desolados somente os nossos corações embalsamados, quais relíquias.”

Henry David Thoreau

“We should go forth on the shortest walk, perchance, in the spirit of undying adventure, never to return; prepared to send back our embalmed hearts only, as relics to our desolate kingdoms.”

Henry David Thoreau

Diz-se de Olhão que é “uma terra que se deita sobre o mar, abraçada ao barrocal”.

De facto, o nosso território é venturoso no que diz respeito à riqueza das paisagens, que vão do barrocal ao litoral, passando, não esqueçamos, pela serra, o que nos confere uma multiplicidade ímpar em termos de diversidade paisagística e biodiversidade. É essa riqueza que queremos partilhar com quem nos visita, e a quem convidamos a descobrir que a beleza e os atrativos do concelho não se esgotam na faixa litoral.

Descubra sozinho ou em família o interior – as zonas de matagal salpicado de azinheiras, alfarrobeiras, amendoeiras, oliveiras e figueiras, onde imperam os aromas do tomilho e do rosmaninho e a paisagem que muda demoradamente a cada uma das quatro estações. É nesse sentido que vos apresentamos um conjunto de seis percursos pedestres temáticos, concebidos para dar a conhecer o que de melhor Olhão tem para oferecer: as suas paisagens, mas também as suas gentes, o seu património, a sua riqueza, a sua história, as suas artes e os seus ofícios.

Das salinas aos valados, da Ria às ribeiras, Fuseta, Moncarapacho e Pechão oferecem experiências memoráveis: Fuseta, vila de pescadores, mas também de agricultores, terra de atalaias; Moncarapacho, com a sua arquitetura fidalga e campos semeados de valados; Pechão, território eminentemente rural, com moinhos de costa e noras por descobrir.

Sempre omnipresente, o Cerro da Cabeça, palco das mais intrigantes lendas algarvias e importante marco do barrocal algarvio, devido às suas formações cársticas, que proporcionam um ambiente único para observação de uma grande quantidade de espécies animais, e o tornam um geo-monumento de relevo no contexto algarvio, sempre sem perder de vista a Ria Formosa.

O ponto mais alto do concelho é o Cerro de São Miguel, a 410 metros de altitude, a partir de cujo miradouro se dispõe de uma vista privilegiada de parte considerável da costa sul algarvia.

Motivos mais que suficientes para que as suas próximas caminhadas passem por Olhão.

Esperamos por si, de braços abertos!

O Presidente da Câmara Municipal de Olhão,
António Miguel Pina

It is said of Olhão that it is a land that lies on the sea, embraced to the barrocal.

In fact, our territory is fortunate with respect to the richness of the landscapes, which go from the barrocal to the coast, passing, let us not forget, the mountain range, which gives us a unique multiplicity in terms of landscape diversity and biodiversity.

It is this wealth that we want to share with those who visit us, and whom we invite to discover that the beauty and attractions of the county do not end in the coastal strip.

Discover alone or with your family in the interior - the scrub areas dotted with holm oaks, carob trees, almond trees, olive and fig trees, where the thyme and rosemary scents dominate and the scenery changes at each of the 4 seasons.

It is in this sense that we present you with a set of six thematic pedestrian routes, designed to make known what the best of Olhão has to offer: its landscapes, but also its people, its heritage, its wealth, its history, their arts and their crafts.

From the salt marshes to the marshes, from the Ria to the rivers, Fuseta, Moncarapacho and Pechão offer memorable experiences: Fuseta, a fishing village, but also farmers, land of watchmen; Moncarapacho, with its fidalga architecture and fields sown of valados; Pechão, eminently rural territory, with windmills and undiscovered daughters.

It is always omnipresent, the Cerro da Cabeça, the stage of the most intriguing Algarvian legends and an important landmark of the Algarvian baroque, due to its karstic formations, which provide a unique environment for observation of a large number of animal species, which make it a major geomonument in the in the Algarve, always without losing sight of the Ria Formosa.

The highest point of the county is the Cerro de São Miguel, at 410 meters of altitude, from whose belvedere there is a privileged view of a considerable part of the south Algarve coast.

More than enough reasons for your next walks to pass through Olhão. We wait for you, with open arms!

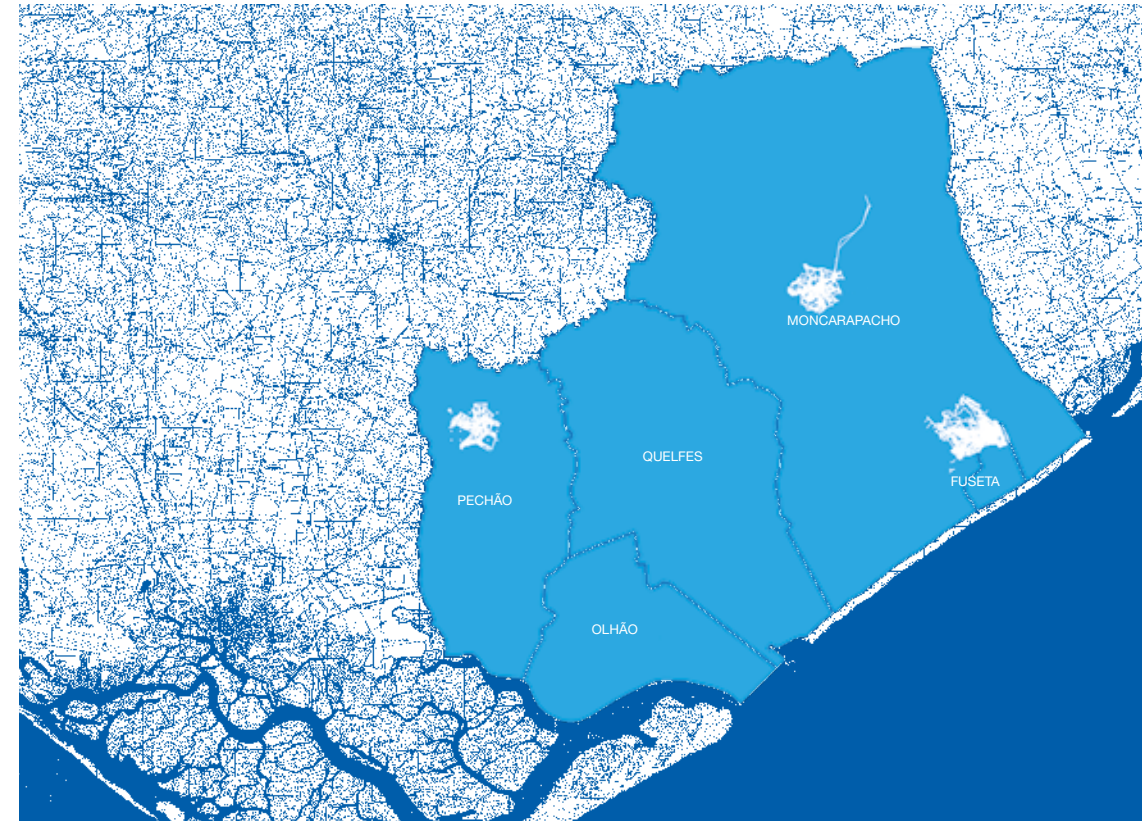
The Mayor of Olhão,
António Miguel Pina

A paisagem de **Olhão** no contexto regional

The landscape of Olhão in the regional context

Gonçalo Gomes

Por vontade expressa do autor,
o texto adopta a grafia anterior
ao novo Acordo Ortográfico.



■ Concelho de Olhão

No contexto do Algarve, o Concelho de Olhão insere-se no denominado Sotavento, que corresponde, sensivelmente, à metade oriental da região, que se desenvolve desde a fronteira entre os concelhos de Albufeira e Loulé, até à fronteira com Espanha, marcada pelo Rio Guadiana.

Os seus limites administrativos, cobrindo uma área de aproximadamente 13.100 hectares, abrangem duas das grandes unidades de paisagem do Algarve: o Litoral do Centro Algarvio e o Barrocal.

A definição de unidades de paisagem é um método de organização de modelos territoriais que procura sistematizar as características de um determinado território à luz de determinados padrões (ocupação do solo, elementos naturais, substrato geológico, funcionalidade, complementaridade de infra-estruturas, contiguidade) que, embora agregados em torno de uma certa homogeneidade, não dispensam a heterogeneidade dos seus elementos individuais, e sempre tendo em atenção as relações que estabelecem com as unidades limítrofes.

Por essa razão, embora claramente identificáveis e perfeitamente distintas, estas duas realidades paisagísticas, marcadas por características biofísicas e processos – ecológicos e humanos – também evidentes na sua diferença, partilham uma simbiose e, por isso, uma e outra apenas se compreendem e cumprem de forma integrada.

De tal forma que partilham mesmo alguns traços de ocupação do solo, principalmente em termos da ocupação humana, da mesma forma que partilham desafios e oportunidades em termos da sua gestão.

Ainda assim, Litoral e Barrocal não se confundem.

O Litoral repousa ao nível do mar seu vizinho, com as suas planícies sedimentares aluvionares, as suas hortas e quintas assentes em terras generosas, depositadas pelo labor incessante, milenar, das ribeiras e barrancos que correm, intermitente mas infalivelmente, rumo ao mar. Não sem antes encontrarem a Ria Formosa, antecâmara do Oceano Atlântico, que se agita para lá das ilhas que defendem a laguna interior e a vida que nela vibra.

É junto a esta que se encontram os principais aglomerados urbanos, quase sempre ligados às artes da pesca, directa ou indirectamente. Pontos de chegada e de partida em viagens marítimas seculares, encerram a rudeza própria de quem conhece a dificuldade extrema, mas também a generosidade de quem tira de si para cuidar do próximo.

No Barrocal agita-se já um relevo suave, onde o substrato geológico se enrugou e contorce sob a terra, moldado no passado por violentas forças matriciais do planeta, num crescendo que culminará, a Norte, na orografia antiga do Caldeirão. Nesta extensa faixa de terrenos mesozóicos, são as formações calcárias que ditam as formas, num estilo tectónico próprio, de encostas organizadas em “linhas” paralelas, onde predominam inclinações acentuadas e dobras largas. Sulcando e enterrando-se sob esta manta de pedra, a reserva vital do Algarve: as ribeiras e aquíferos de água doce, estes últimos reservatórios subterrâneos que se estendem ao longo de quilómetros por galerias

In the context of the Algarve, the Municipality of Olhão is located in what is known as the “Sotavento”. Roughly corresponding to the eastern half of the region, this area runs from the border between the municipalities of Albufeira and Loulé all the way to the border with Spain, marked by the River Guadiana.

Its administrative boundaries, enclosing an area of approximately 13,100 hectares, encompass two major parts of the Algarve’s landscape: the Central Algarve Coastline and the transitional inland area known as the “Barrocal”.

Defining sections of a landscape is a method of organising territorial models that seeks to systematise the characteristics of a particular territory on the basis of specific standards (e.g. land use, natural elements, geological substrata, functionality, complementarity of infrastructures and contiguity) which, although aggregated around a certain homogeneity, nevertheless require the heterogeneity of the individual elements; and the relationship established with the immediately neighbouring sections must always be taken into account.

For this reason, although clearly identifiable and perfectly distinct, these two landscape realities share a symbiosis. Marked by biophysical characteristics and processes (ecological and human) that also have noticeable differences, it is only possible to understand the two realities by taking an integrated approach that embraces their complementarities.

This is true to such an extent that they actually share some signs of land use, mainly in terms of human occupation, in the same way that they share challenges and opportunities in terms of their management.

Even so, Coastline and Barrocal are not confusable.

The Coastline is on the same level as its neighbour, the sea, with its alluvial sedimentary plains, its vegetable gardens and farms set in generous lands, deposited by the incessant effort of the streams that have been flowing intermittently but unfailingly towards the sea for millennia. But first, they must encounter the Ria Formosa, an antechamber of the Atlantic Ocean that swells beyond the barrier islands protecting the inland lagoon and the vibrant life it shelters.

It is alongside the coastline that the main urban centres are to be found, almost always connected, directly or indirectly, to the fishing industry. Arrival and departure points on ancient maritime voyages are home to the brusqueness typical of those who have endured tremendous difficulties, but also to the generosity of those who take from themselves to care for others.

In the Barrocal, a gentle undulation is noticeable, as the geological substratum crinkles and squirms beneath the surface, moulded in the past by the planet’s violent raw forces in a crescendo that comes to a climax in the ancient terrain of the Caldeirão Mountains, to the north. In this extensive strip of Mesozoic terrain, it is the limestone formations that dictate the shapes; they have their own tectonic style, of hills arranged in parallel “lines”, where

“A mais longa das viagens
inicia-se com um pequeno passo” LAO-TSÉ
“The journey of a thousand miles
begins with a single step” LAO TZU



steep slopes and wide folds predominate. Carving out grooves and burying themselves under this blanket of stone are the freshwater streams and aquifers that constitute the Algarve's vital reserve – these last underground reservoirs, stretching through underground galleries many kilometres in length. Here marks the boundary of the Algarve of yesteryear. As the ancients would have it, beyond the foothills stand the mountains, belonging to a different land from the Algarve.

Covering this territory between the Uplands and the Coastline is a hugely diverse and colourfully contrasting blanket of vegetation. The backdrop may be highly variable but the soil is deep and can be put to relatively good use. In places, remnants of holm oak groves can be seen (the area's emblematic oak tree), alongside vegetation that bears witness to their substitution: strawberry trees, kermes oak, thyme and gorse alternate with fields that have been given over to growing carob and almond trees. The former are a super-food source and attenuate our carbon footprint to a considerable degree, while the latter, blossoming in Moorish Silves, cured a Nordic princess of her homesickness for the white, snow-covered landscapes of her homeland. In the more or less embedded valleys of the watercourses, the riparian vegetation consists mainly of ash, willow and oleander.

In areas such as these, which have been farmed intensively by people over vast periods of time, the vegetation and natural systems encompass considerable ecological interest. But there is cultural interest too, since they bear witness to a co-existence that is a fundamental part of the regional identity. The landscape, sayings, folk traditions, skills, arts, crafts and, indeed, Life itself, are all a part of it, even if they have not always been able to find their proper and harmonious space within the contemporary models of so-called “development”.

However, since the identity of these units involves more than just their general features, it is still possible to identify sub-units within them which reveal the small but significant details of these landscapes.

The sub-unit of the Ria Formosa, which extends across five municipalities (Loulé, Faro, Olhão, Tavira and Vila Real de Santo António), consists of a coastal lagoon wetland area. It is delimited by a system of five barrier islands, two peninsulas and six drifting inlets (two of which have been artificially secured using jetties), indelibly marking this stretch of the coast. More than a biophysical occurrence, **the Ria Formosa is the sublimation of the Algarve's coastal land and, at the same time, the condensation of the encounter between the Atlantic and the Mediterranean**. A refuge for all who enter its harbours, exhausted by the demands of hard work and the sea, and a place of freedom for those who abandon terra firma to venture into the perpetually animated pattern of its marshes. On the front line, solitary yet firmly defiant, and defending the entire land entrenched behind them, the barrier islands rise between the immensity of the Atlantic Ocean and the lagoon. The latter encloses the brutal force of a sea that is broken and tamed

subterrâneas. Aqui marca-se o limite do Algarve de antanho, pois na voz dos antigos, para lá das faldas fica a Serra, terra de outra terra, que não a algarvia.

A cobrir este território, entre Serra e Litoral, um manto vegetal de grande diversidade e contraste cromático, assentes em solos de profundidade e horizontes muito variáveis mas com relativamente boa capacidade de uso, onde pontuam, por vezes, memórias de bosques de azinheira (o carvalho emblemático desta zona), acompanhadas por formações vegetais que representam já etapas da sua substituição, onde o medronheiro, o carrasco, o tomilho ou o tojo alternam com campos organizados para a cultura da alfarroba – fonte de um super-alimento e incrível sumidouro do problemático carbono atmosférico – e da amendoeiras que, florindo, amenizaram na arabesca Xelb as saudades de uma princesa nórdica por albas paisagens. Nos vales, mais ou menos encaixados, dos cursos de água, a vegetação ribeirinha – dominada pelo freixo, pelo salgueiro, pelo loendro.

Em territórios desde há longo tempo trabalhados, e de forma intensa, pela mão do Homem, como estes, a vegetação e os sistemas naturais encerram elevado interesse ecológico mas também cultural, pois são testemunhos de uma convivência que é parte fundamental da identidade regional, integrando a paisagem, os dizeres, o folclore, os saberes, as artes e ofícios, enfim, a Vida, mas que nem sempre têm encontrado o devido e harmonioso espaço dentro dos modelos contemporâneos do que se anuncia como “desenvolvimento”.

Mas, porque a identidade destas unidades não se esgota nos seus traços gerais, é ainda possível identificar, dentro delas, subunidades que revelam os pequenos grandes pormenores destas paisagens.

A subunidade da Ria Formosa, partilhada por cinco concelhos (Loulé, Faro, Olhão, Tavira e Vila Real de Santo António) corresponde a uma zona húmida lagunar costeira, confinada por um sistema de 5 ilhas-barreira, 2 penínsulas e 6 barras móveis (duas artificialmente fixadas com recurso a molhes), que marca indelevelmente este troço litoral. Mais do que uma ocorrência biofísica, **a Ria Formosa é a sublimação da terra litoral algarvia, e, ao mesmo tempo, a condensação do encontro do Atlântico com o Mediterrâneo.** Refúgio para todos os que entram as suas barras, exauridos pelas exigências da faina e do mar, espaço de liberdade para os que abandonam a firmeza da terra para se aventurarem no perpetuamente animado padrão dos seus sapais. Na linha da frente, em desamparado mas firme desafio, interpondo-se entre a imensidão do Atlântico e a laguna, polvilhada de terra, que encerra, dormente sob a brandura, a força brutal de um mar que nela penetra mas que o rendilhado dos “cabecos” quebra e amansa, as Ilhas-Barreira afirmam-se como linha de defesa de toda uma terra que, na sua retaguarda permanece entrincheirada.

Atrás de si, e antes das múltiplas localidades que se deleitam na convivência com a Ria, o sapal, verdadeira filigrana de vida, alberga diversos *habitats*, como que diversas casas, que albergam inúmeras e variadas espécies, de algas a aves, passando por peixes, mamíferos, répteis e muitas outras. É maternidade, berçário, ninho, abrigo e fonte de alimento. É filtro depurativo

as it penetrates the lacy patterns created by the mounds of land punctuating the surface of the lagoon’s calmer waters.

To the rear, and before reaching the many localities that take pleasure in their proximity to the Ria, the marshes, a veritable filigree of life, shelter a range of habitats that are home to a vast and widely-varied number of species; everything from algae and birds to fish, mammals, reptiles and many more. It is a maternity ward, a nursery, a nest, a shelter and a source of food. It is the cleansing filter of a land that sometimes fails to pay proper attention to what it throws into its waters. If the forests are the lungs of the land, the Ria is its kidney. It is one of the richest and most productive places on the planet. And in Olhão, sharing with the World, the heart of the Ria Formosa beats strongly, the driving force that dynamises the life which lives and grows in, on and around it.

This has been a designated protected area and, more specifically, a nature park for more than thirty years, as well as being classed as a site of community importance under the Natura 2000 Network, designations resulting from the fact that these extraordinary ecosystems coexist alongside human activity. And while people may not always be respectful of the sensitive nature of the environment in which they conduct their activity, they have nevertheless contributed in part to the construction of a whole that is characterised by enormous biodiversity. That it has withstood a coexistence which has not always been easy or peaceful, in a precarious and tremulous balance that often reaches the limit, is proof of Life’s own ingenuity and a tribute to its resilience.

Food, revenue, knowledge, leisure, recreation, inspiration, contemplation... There is a little something here for everyone. What matters is knowing how to achieve it, respecting not only the Ria’s capacity for giving but also the time frame, that essential and uncontrollable raw material necessary for its regeneration. What matters is preserving, valuing and caring. All so that we can receive.

And because there are those who live here too, human settlement is concentrated along the shore, dotted along the entire length of the Ria, but mainly organised around the waterfront cities of Faro, Olhão and Tavira. The barrier islands too are punctuated by small clusters of houses, in very particular contexts.

The Olhão / Fuseta / Moncarapacho sub-unit translates the specificity of the municipality in its context. In a landscape where the main urban area – the city of Olhão – concentrates and marks the rhythm of social and economic flows, a heterogeneous but coherent set of small local identities makes its appearance. In this largely agricultural area, organised in the form of a fragmented mosaic – like a stained-glass window, one might even say – the small plots are used to produce a variety of produce in almost patchwork fashion. Associated with them is a dispersed model of construction, mostly having a close relationship to the productive fabric, with Moncarapacho

de uma terra que nem sempre atenta, na devida medida, naquilo que lança às águas. Se as florestas são pulmão, a Ria é rim. É um dos mais produtivos e ricos espaços do planeta. E em terras de Olhão, partilhando com o Mundo, bate forte o coração da Ria Formosa, a força motriz que anima a vida que sobre, dentro e em torno de si se gera.

A classificação como Área Protegida, concretamente Parque Natural desde há mais de três décadas, e de Sítio de Importância Comunitária da Rede Natura 2000, decorre da convivência destes ecossistemas extraordinários com uma actividade humana que, mesmo que nem sempre respeitando a sensibilidade do ambiente em que se desenvolveu, contribuiu, de alguma forma, para a construção de um conjunto caracterizado por uma enorme biodiversidade. A sua resistência a uma convivência nem sempre fácil ou pacífica, num precário e periclitante equilíbrio que muitas vezes atinge o limite, é prova do engenho da própria Vida e tributo à sua resiliência.

Alimento, rendimento económico, conhecimento, lazer, ócio, inspiração, contemplação. Há um pouco de tudo para todos. Importa saber retirá-lo, respeitando a capacidade que a Ria tem para dar, e o tempo, matéria-prima incontornável e incontrolável, necessário à sua regeneração. Importa preservar, estimar, cuidar. Tudo para poder receber.

E, porque aqui também há quem viva, o povoamento humano concentra-se na margem territorial, disperso ao longo de toda a extensão da Ria, mas organizado principalmente em torno das cidades ribeirinhas de Faro, Olhão e Tavira. Nas ilhas-barreira pontuam também pequenos núcleos, em contextos muito particulares.

A subunidade Olhão/Fuseta/Moncarapacho traduz a especificidade do Concelho no seu contexto. Numa paisagem em que a principal área urbana, a cidade de Olhão, concentra e marca o ritmo dos fluxos sociais e económicos, desfila um conjunto heterogéneo mas coerente de pequenas identidades locais, com predomínio da agricultura, organizada num mosaico fragmentado – um vitral, dir-se-ia mesmo – em parcelas de pequena dimensão, dedicadas a uma policultura quase de filigrana, associada a um modelo de edificação dispersa, maioritariamente em estreita relação com o tecido produtivo, com Moncarapacho a surgir como o principal aglomerado populacional interior. Outras áreas de edificação, com densidade média e alta, agrupam-se junto ao litoral, em reverência ao sortilégio da Ria Formosa, principalmente no eixo da Estrada Nacional 125, entre Olhão e a vila da Fuseta. Esta subunidade é também marcada pela sua matriz de matos, que configuram áreas de elevado interesse paisagístico, de que são exemplos o Cerro da Cabeça – também Sítio de Importância Comunitária da Rede Natura 2000 – e o Cerro de São Miguel, ponto mais alto da Serra de Monte Figo e principal referência paisagística na zona terrestre, em contraponto com a Ria.

É então este cadinho de terra e de mar, de diversidade mas também de identidade e homogeneidade, que se convida a visitar e conhecer mais aprofundadamente.

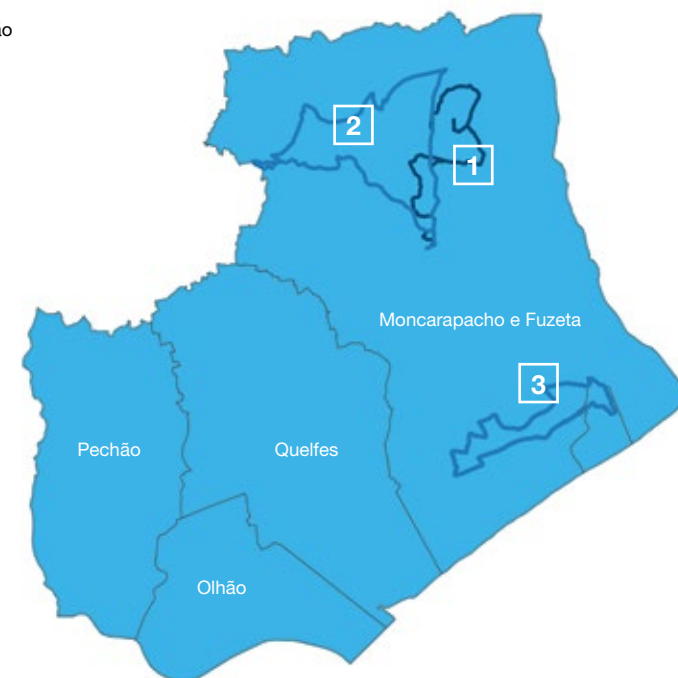
emerging as the main population cluster inland. Other medium and high density built-up areas are clustered along the coast, in awe of the Ria Formosa's allure, especially on the stretch of the EN 125 national road between Olhão and the town of Fuseta. This sub-unit is also noteworthy for its matrix of scrubland, forming areas of considerable scenic interest. Examples of this are the Cerro da Cabeça – also a Natura 2000 Network Site of Community Importance – and the Cerro de São Miguel, the highest point in the Serra de Monte Figo and the main scenic landmark on land, in contrast to the Ria.

This, then, is the little piece of land and sea, diverse but also boasting identity and homogeneity, that you are invited to visit and become better acquainted with.

Mapa índice de Percursos Map index of Courses

- | | |
|---------------------------|--------------|
| 1. Caminhos Romanos | PR1 – 10.8Km |
| 2. Caminho de São Miguel | PR2 – 14.5km |
| 3. Caminho da Ria Formosa | PR3 – 7.5km |

Concelho de Olhão





MON CARA PACHO

Moncarapacho tem um ar de quem
não faz segredo da sua abastança

FALTA TRADUÇÃO

A relevância de tais dinâmicas populacionais e económicas justificam a sua elevação a Freguesia no Século XV, o que faz com que seja assim uma unidade administrativa anterior ao próprio Concelho de Olhão, em que mais tarde foi integrada, no primeiro quartel do Séc. XIX.



Terra antiga, com ocupação de antanho, ou não se tivesse por aqui escrito parte do nosso passado Paleolítico no Algarve, continuado por ocupações romanas, visigodas e árabes.

Sob a presença ativa do Cerro de São Miguel a NO e do Cerro da Cabeça a Norte, Moncarapacho localiza-se numa planície, encaixada entre a Ribeira da Fornalha e a Ribeira do Tronco. A disponibilidade de boas terras de cultura, generosas na partilha dos seus frutos, e de água em abundância, explicam a génese da fixação deste povoado.

É precisamente a exploração do potencial agrícola desta zona que alimenta a sua ocupação, ao ponto de, na época medieval, ser a fidalguia quem por aqui se estabeleceu. Juntam-se-lhes, já no Século XVI, famílias com participação no empreendimento das Descobertas, originando uma expansão e configuração urbana que desde então, apesar da natural expansão de área, não tem conhecido alteração estrutural substancial, sendo também ainda hoje possível identificar várias edificações quinhentistas e de traço burguês.

A relevância de tais dinâmicas populacionais e económicas justificam a sua elevação a Freguesia no Século XV, o que faz com que seja assim uma unidade administrativa anterior ao próprio Concelho de Olhão, em que mais tarde foi integrada, no primeiro quartel do Séc. XIX.

Exibindo uma outra arquitetura marcante, de Estado Novo, a Casa do Povo de Moncarapacho é uma obra cuja autoria chegou a estar atribuída ao arquitecto modernista algarvio Manuel Gomes da Costa, provavelmente devido ao perfil arquitectónico híbrido do edifício, sendo na verdade fruto do rasgo de Jorge Oliveira. A presença dos elementos característicos (métrica, telhados de quatro águas) dos modelos utilizados para equipamentos assistenciais no âmbito dos programas da década de 40 do século passado, conjugados com elementos afectos ao léxico do Movimento Moderno mais maduro (p alas estendidas sobre os alpendres, corpos projectados), temperada ainda com elementos da arquitectura tradicional olhanense (a introdução do mirante na composição da torre do relógio) resulta num ícone marcante da imagem urbana da Vila, merecedora de destaque inclusivamente no contexto regional.

Precisamente a partir deste centro nevralgico de Moncarapacho, originado pelo cruzamento entre a Estrada Municipal 516 e a Estrada Nacional 398, há mais do que uma opção para partir à descoberta.

This is an ancient land, its occupation dating far back into to the distant past, as would be expected of a place where part of our region's Palaeolithic history was written, and subsequently continued by the Romans, Visigoths and Arabs who came here.

With the Cerro de São Miguel towering over it to north-west and the Cerro da Cabeça to the north, Moncarapacho is located on a plain, nestling between the Fornalha and Tronco Streams. The availability of good arable land, producing generous crops, and water in abundance, explain why people chose to settle here.

It is precisely the exploitation of the area's agricultural potential that fuels its settlement, to the extent that, in mediaeval times, it was the nobility who settled here. In the sixteenth century, they were joined by families who had participated in the enterprise of the Discoveries,



giving rise to an urban expansion and configuration that, despite the natural expansion of the area, has not seen any significant structural alterations since. Today, a number of sixteenth-century buildings with bourgeois features can still be identified.

The significance of such population and economic dynamics substantiated its being upgraded to a Civil Parish in the fifteenth century. Consequently, it was already an administrative division prior to the existence of the municipality of Olhão, into which it was later integrated, during the first quarter of the nineteenth century.

Displaying another striking architectural style – that of



The significance of such population and economic dynamics substantiated its being upgraded to a Civil Parish in the fifteenth century. Consequently, it was already an administrative division prior to the existence of the municipality of Olhão, into which it was later integrated, during the first quarter of the nineteenth century.

Rumo obrigatório de todo e qualquer roteiro, o Mercado (que, com a sua vida e alegria, anima a morte próxima, do Cemitério), em direcção à Rua de Santo Cristo, artéria antiga. Aqui encontra-se o Museu Paroquial de Moncarapacho, ao lado da anciã Capela do Espírito Santo. Entre o espólio aqui guardado incluem-se peças arqueológicas e etnográficas bem como arte religiosa de vários períodos, a merecer uma visita.

Mais adiante, ergue-se a Igreja Matriz de Moncarapacho. Datado do Século XV, o templo é consagrado a Nossa Senhora da Graça. No seu traço arquitectónico medieval, destaca-se o pórtico principal (mas também os laterais), datado já do Século XVI, que ostenta uma representação da Anunciação, com curiosa estatuária, naquela que é considerada uma das mais importantes obras do estilo renascentista na região do Algarve.

Igreja Matriz de Moncarapacho. Datado do Século XV, o templo é consagrado a Nossa Senhora da Graça.



Igreja Matriz (Main Church) of Moncarapacho. Dating from the fifteenth century, the church is consecrated to Nossa Senhora da Graça (Our Lady of Grace).



the New State – the Casa do Povo de Moncarapacho is a work whose design was once attributed to the modernist Algarve architect Manuel Gomes da Costa. This is probably due to the building's hybrid architectural profile, but in fact, it was actually designed by Jorge Oliveira. The presence of the characteristic elements metrics, hipped roofs) of the models used for public assistance facilities under the programmes of the 1940s, combined with elements related to the lexicon of the more mature Modern Movement (porch coverings and projecting features), as well as the additional touches of traditional Olhão architecture (the introduction of the lookout in the design of the clock tower) results in a striking icon of the city's urban image that deserves to be highlighted even in the regional context.

This nerve centre of Moncarapacho, created by the junction of municipal road 516 with national road 398, is the point from which several options for exploring begin.

A must-do on any itinerary is the market (which, with its liveliness and good cheer, counteracts the dark cloud of the nearby cemetery) on the way to the Rua de Santo Cristo, a former main road. Here you will find the Parish Museum of Moncarapacho, next to the ancient Chapel of the Espírito Santo (Holy Ghost). The museum's collection includes archaeological and ethnographic pieces, as well as religious art from various periods, and is worth a visit.

Farther on stands the Igreja Matriz (Main Church) of Moncarapacho. Dating from the fifteenth century, the church is consecrated to Nossa Senhora da Graça (Our Lady of Grace). Standing out in its mediaeval architectural design is the main portico (but also the lateral ones), dating from the sixteenth century. It features a representation of the Annunciation, with curious statuary, in what is considered one of the most important works of Renaissance style in the Algarve.

Continuing along, you come to a square called Praça Major João Xavier Castanheda; it is named in honour of a noteworthy soldier from Moncarapacho who, at the dawn of the nineteenth century, distinguished himself in the fray with the raiding French forces in the area.

Heading northwards from the town centre, we set off to explore the “countryside”, which is actually rarely more than the distance separating us from the other side of the



Casa do Povo de Moncarapacho.





Oliveira, *olea europea*



Medronheiro, *artbustos unedo*

Dos olivais em volta parte, à conquista de pratos um pouco por todo o Mundo, um premiado azeite de reconhecida qualidade, que leva até longe o nome de Moncarapacho, de Olhão, do Algarve e de Portugal.

Continuando o percurso, atinge-se a Praça Major João Xavier Castanheda, assim baptizada em honra do insigne militar moncarapachense que, no dealbar do Século XIX, se destacou nas refregas com os exércitos franceses que por esta zona realizavam incursões.

Seguindo para Norte, do centro da Vila parte-se à descoberta do “campo”, que na verdade raramente está a uma distância superior àquela que nos separa do outro lado da rua. É este um traço característico que Moncarapacho tem sabido preservar: uma ruralidade urbana.

Ao chegar à Estrada Municipal 516-2, mantém-se o rumo e, atravessando a pequena e rústica ponte em arco que nos dá passagem sobre a Ribeira do Tronco, trocamos em definitivo o tecido urbano pelo produtivo. Dos olivais em volta parte, à conquista de pratos um pouco por todo o Mundo, um premiado azeite de reconhecida qualidade, que leva até longe o nome de Moncarapacho, de Olhão, do Algarve e de Portugal. Também dos viveiros que a vista alcança seguem, um pouco para toda a parte, plantas ornamentais, aromáticas e muitas outras, marcadas pelo carácter mediterrânico. A riqueza do campo nos frutos da sua terra, património insubstituível, gerado ao longo de milhares de anos.

O caminho segue agora entre muros, num percurso imerso cada vez mais na essência mediterrânica da paisagem. Marcas do pomar de sequeiro, com amendoeiras e alfarrobeiras à cabeça, contrastam claramente que o olival deixado para trás. A impreterível ordem da produção organizada cede aqui lugar a uma certa informalidade, a geometria desaparece, prevalecendo uma entropia que o próprio Universo parece favorecer.

Polvilhadas pela paisagem, resistem ainda algumas casas a fazer lembrar a traça tradicional algarvia. Numa arquitectura essencialmente despojada, de vãos reduzidos, destacam-se elementos como a emblemática chaminé, mas também a platibanda ornamentada, que esconde a açoteia, terraço destinado à secagem de frutos e cereais no Verão e à recolha de águas no Inverno, à qual se acede por escadas interiores que desembocam no pangaio, ou por escadas exteriores. A cisterna – nem sempre imediatamente identificável – recebe e armazena as águas das coberturas, dispensando a fonte ou as viagens até ela, aforro fundamental numa região marcada por reduzidas precipitações. Nestes conjuntos residem

street. This is a characteristic feature which Moncarapacho has successfully preserved: an urban rurality.

On reaching municipal road 516-2, keep heading in the same direction and, crossing the small and rustic arched bridge over the Tronco Stream, the urban fabric finally gives way to the productive one. **From the surrounding olive groves, a high-quality award-winning olive oil is shipped around the globe to become a prime ingredient in all sorts of dishes, while carrying the names of Moncarapacho, Olhão, the Algarve and Portugal to far-flung lands.** The plant nurseries that can be seen pretty much everywhere also export ornamental, aromatic and many other types of typically Mediterranean plants. The richness of the countryside in the fruits of its land is an irreplaceable heritage that took thousands of years to create.

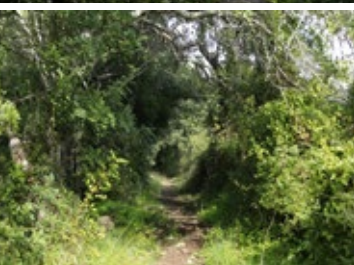
The route now takes you along paths lined by walls, as you immerse yourself ever further in the Mediterranean essence of the landscape. Dryland orchards consisting mainly of almond and carob trees make a clear contrast with the olive groves you have just left. The inevitable order of organised production now gives way to a certain informality; geometry disappears as the disarray that seems to be preferred by the Universe itself takes over.

Dotting the landscape, a few houses can still be seen, reminding us of the Algarve's traditional features. The architecture is essentially minimalist and with small spans, but certain elements, such as the emblematic chimneys and the ornate platbands concealing roof terraces, draw the eye. Used for drying fruit and cereals in summer and for collecting water in winter, the terrace is accessed by means of an interior staircase leading onto the landing, or by exterior stairs. The water tank – not always immediately recognisable – collects and stores rainwater run-off, avoiding the need to have, or make trips to, a fountain. This is an essential means of saving water in a region marked by low rainfall. In these clusters, you are reminded of Moorish architecture, starting with the internal layout of the rooms, which can often still be clearly identified, but essentially in the way the forms and solutions were adapted to suit the conditions of their surroundings.

Now you can admire a varied patchwork portraying a detailed image of the landscape and clearly bearing witness to human intervention.

Dotting the landscape, a few houses can still be seen, reminding us of the Algarve's traditional features. The architecture is essentially minimalist and with small spans, but certain elements, such as the emblematic chimneys and the ornate platbands concealing roof terraces, draw the eye. Used for drying fruit and cereals in summer and for collecting water in winter, the terrace is accessed by means of an interior staircase leading onto the landing, or by exterior stairs.





Os muros de alvenaria cedem entretanto lugar aos “muros” vivos, de aroeira, alfarrobeira, zambujeiro, murta, trovisco, palmito, medronheiro, marioila, azinheira, à medida que o trajecto nos leva a mergulhar no Vale Seco.

memórias da arquitectura mourisca, desde logo na disposição interna das divisões, em muitos casos ainda hoje perfeitamente identificável, mas fundamentalmente numa adaptação das formas e soluções às condições do meio.

Percorre-se agora um mosaico diversificado, em que a marca da intervenção humana, desenhando uma paisagem de pormenor, é notória.

Os muros de alvenaria cedem, entretanto, lugar aos “muros” vivos, de aroeira, alfarrobeira, zambujeiro, murta, trovisco, palmito, medronheiro, marioila, azinheira, à medida que o trajecto nos leva a mergulhar no Vale Seco. Pisando um chão de terra, pedras e musgo, acompanha-se o trajecto sinuoso da linha de água. À nossa volta, o silêncio do já não urbano é rapidamente substituído por um envolvente frenesim de vida: pássaros, insectos, o vento nas folhas, todo um sangue oculto que pulsa nas veias da paisagem. A sombra, essa, demora-se, resistindo à curiosidade impetuosa do Sol meridional.

No seu leito, pesados muros lembram uma força destruidora que nem sempre – ou raramente – é visível. O Algarve, embora banhado pelo Atlântico, vive sob a marca de um clima que é mediterrânico. No regime de pluviosidade associado, as chuvas são pouco abundantes e concentradas principalmente no Outono e na Primavera. Esta concentração dá-se, por vezes, em períodos tão curtos e intensos, que origina um escoamento torrencial, marcado por elevados caudais, correndo a altas velocidades, em estreitos leitos, mais habituados à secura, e que por isso transbordam, por vezes com consequências desastrosas, deixando um rasto de destruição. O cenário de alterações climáticas que se adivinha no futuro virá apenas extremar o que por si só é já extremo.

É, portanto, enganadora a dimensão e expressão desta ribeira que o percurso acompanha, já que a sua transfiguração em pico de cheia é dramática. Um olhar mais atento descobrirá, de resto, algumas marcas da passagem desta força. São bem visíveis os sulcos no leito ao longo destes meandros, cavando a ribeira ora mais profunda ou superficialmente, conforme a brandura das terras e a quantidade de pedra no substrato. A reduzida ocupação edificada nas suas margens revela também uma prudência que se inscreve inconscientemente no modelo territorial desde a Antiguidade. “*Aqua, vita et mors*” (água, vida e morte), alerta um adágio romano, para lembrar que

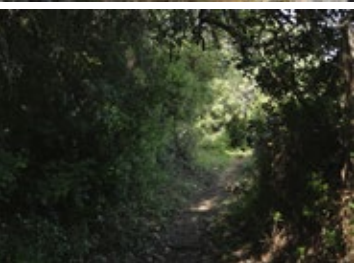
In the meantime, the stone walls begin to be replaced by “living” ones, in the form of mastic, carob, wild olives, myrtle, flax-leaved daphne, Mediterranean dwarf palm, strawberry trees, purple phlomis and holm oak, as the route takes you deeper into Vale Seco (Dry Valley). Treading a combination of earth, stone and moss, you follow alongside the winding course of the stream. All around, that “no-longer-urban” silence is quickly replaced by a setting that buzzes with life: birds and insects, the leaves rustling in the wind and the pulsing of the landscape’s concealed lifeblood. Shade, however, is a bit harder to come by, resisting, as it does, the impetuous curiosity of the southern sunshine.

Heavy stone retaining walls on the riverbed margins are constant reminders of a destructive force that is not always – or rarely – visible. Although the waters lapping the Algarve’s shores are those of the Atlantic Ocean, its climate is typically Mediterranean. As a consequence of the associated rainfall pattern, it rains little here and mainly in the autumn and spring. Sometimes it rains so heavily over such short periods of time that rainfall drainage turns torrential. Streams run so strong and fast, in narrow beds which have spent most of the year dried out, that they are prone to breaking their banks. The consequences can be disastrous, as a trail of destruction is left in their wake. The scenario of climate change, which can be expected in the future, will serve only to further aggravate a situation that is already extreme.

The size and importance of the stream that the trail accompanies is therefore misleading, since its transformation at the height of the flooding is dramatic. Indeed, if you look closely enough, you will notice some traces of this force’s passage. The ruts can be clearly seen on the bed of the stream as it meanders along, some deeper and some more superficial, depending on how soft the earth is and how much stone is contained in the substratum. That there are few buildings on its banks is a sign of the caution which has been an unconscious part of the territorial model since ancient times. “*Aqua, vita et mors*” (water, life and death), a Roman saying warns, to remind us that Mediterranean water courses are a source of life and fertility but also, like the God Janus, have another face and downside, one which can sow death and destruction.

In the meantime, the stone walls begin to be replaced by “living” ones, in the form of mastic, carob, wild olives, myrtle, flax-leaved daphne, Mediterranean dwarf palm, strawberry trees, purple phlomis and holm oak, as the route takes you deeper into Vale Seco (Dry Valley).





as linhas de água no Mediterrâneo são fonte de vida e fertilidade, mas têm também, tal como o Deus Janus, uma outra cara e um reverso, que pode semear morte e destruição.

De um troço confinado, o percurso abre-se agora para uma planície, onde, dispersos pelo chão jazem, como que adormecidos, afloramentos rochosos. Por causa destes, mas também de inúmeros outros, Orlando Ribeiro alertava: *“Mas o Algarve não é o jardim do Éden. Olhe-se como os campos e os arvoredos estão encerrados por afloramentos de calcário estéril. Repare-se como, por toda a parte, os muros de pedra, as belas sebes de opún-cias, a casa esparsa e o entrecruzar de caminhos, mostram até que ponto a terra está ocupada”*.

Testemunho solene desta alusão inequívoca ao esforço e sacrifício que o trabalhar desta paisagem implica são os muros de pedra seca que enquadram o percurso neste troço. São estes os célebres valados da paisagem algarvia, e um seu característico e indispensável elemento. A pedra com que se erguem jazia nas terras que agora dividem. Libertando a terra da pedra impeditiva da lavoura, que se arruma nas extremas das propriedades, os valados desenhavam então o próprio cadastro predial, intrincado e marcado por parcelas geralmente de pequenas dimensões.

Em tempos foi este o segredo da produção algarvia: a dispensa de grandes ou extensas propriedades. Porque o valor acrescentado do que se produzia – muito vocacionado para a exportação, já desde os tempos do Império Romano – implicava também um oneroso e lento cuidar, incompatível com extensas folhas de cultura. **Nesse modelo, o figo era iguaria maior, entretanto caída em esquecimento, mas hoje em recuperação. Do pouco se retirava então muito.**

Mas a importância dos valados não se esgota em aspectos utilitários. São também elementos altamente valiosos do ponto de vista ecológico. Autênticas sebes de compartimentação da paisagem, albergam tremenda biodiversidade nos seus espaços intersticiais. Plantas, insectos, répteis, pequenos mamíferos, nestes muros encontram abrigo, sombra, humidade, protecção. Nos milhares de frestas e espaços vazios, a vida encontra, de forma insuspeita, lugar e prospera.

São também elementos altamente valiosos do ponto de vista ecológico. Autênticas sebes de compartimentação da paisagem, albergam tremenda biodiversidade nos seus espaços intersticiais.

The closed-in stretch of the route now opens up onto a plain, where you will see rocky outcrops dotting the ground as though they had lain down for a snooze. Because of these, as well as many others, Orlando Ribeiro warns: “But the Algarve is no Garden of Eden. Look how the fields and woodland are encircled by outcrops of barren limestone. Notice how the stone walls, the splendid prickly pear plants, the scattered houses and the crossing of paths bear witness to the extent to which the land is occupied”.

The dry stone walls framing the path in this section bear solemn witness to this unmistakable allusion to the effort and sacrifice required to work this land. These are the famous enclosures of the Algarve landscape, and one of its characteristic and indispensable elements. The stone used to make them was taken from the land that they now divide. Freeing the land from the stone that impedes its cultivation, and which is then laid out along the boundaries of the individual properties, they form their very own land register, intricate and marked by generally small plots.

In bygone days, this was the secret of Algarve farming – managing without vast or extensive properties. Because the added value of what was produced – most of it for export since as far back as the days of the Roman Empire – also implied demanding and careful tending, incompatible with vast stretches of cropland. In this model, the fig was a much-favoured delicacy and although its popularity had declined, it is now making a come-back. So a great deal was produced from little.

But the importance of the stone walls is not limited to utilitarian aspects. They are also highly valuable from an ecological point of view. Veritable landscape-dividers, they shelter an amazing biodiversity in the spaces between the stones. Plants, insects, reptiles and small mammals all find shelter, shade, moisture and protection in these walls. Here, life unexpectedly finds shelter and prospers in the thousands of cracks and empty spaces.

They are also highly valuable from an ecological point of view. Veritable landscape-dividers, they shelter an amazing biodiversity in the spaces between the stones.



Figueira, *figus carica*



Amendoeira, *Prunus dulcis*



The Cerro da Cabeça Hill



Cerro da Cabeça

Presença dominante em toda esta paisagem, o Cerro da Cabeça supervisiona os nossos passos. Para além de elemento marcante no horizonte visual, limitando a Nascente a Serra de Monte Figo, **este pequeno gigante revela-nos, em toda a sua plenitude, o cársico que dita muitos dos fluxos e processos desta paisagem**, ainda que nem sempre visíveis.

O relevo cársico, que ocorre fundamentalmente em substratos geológicos calcários – devido às características químicas dos minerais que compõem a pedra, bem como à sua permeabilidade e porosidade – como o presente, é caracterizado por formações que resultam de processos erosivos, principalmente os associados à acção desgastante da água combinada com a acção dos sistemas radiculares da

Looming over this entire landscape, the Cerro da Cabeça watches our every move. Apart from being a striking landmark on the visual horizon, delimiting the Serra de Monte Figo to the east, **this small giant unveils to us, in all of its plenitude, the karst that dictates many of the flows and processes of this landscape**, even if we cannot always see them.

The karst relief that essentially occurs in limestone bedrock such as we have here – due to the chemical characteristics of the minerals that make up the stone, as well as to its permeability and porosity – is characterised by formations resulting from erosive processes, mainly those associated with the effects of water wearing away the rock, combined with the effects of plant roots, causing the rock to erode. This gives rise to the formations we see before our eyes, which in this case is a massive limestone pavement: a solidly packed set of fractures, depressions, ruts and grooves carved into the stone and forming huge rocks. They look like the rounded backs of huge stone animals, each separated from the other like islands in a sea of naked ground, or peering from amid thick scrub.

In turn, this scrub is what is known as “garrigue”, which is characterised by patches of dense, stumpy bushes, punctuated by small trees, with very specific ecological adaptations in response to the characteristics of the soil and climate.

Some large populations of woodland orchids grow here too, their conservation being a priority at European level. These finely detailed and highly artistic miniatures are living testimonials to Nature’s superior inspiration. Some rarities can also be found here, such as the acclaimed best cormophyte communities in Portugal and a species of daffodil, possibly previously unknown to Science, hidden in the cracks of the limestone rocks.

However, the influence of this geological curiosity extends far beyond what we can see, plunging deep into the ground beneath our feet. The fractures and fissures extend deep below the surface, covering vast areas and creating cavities of varying sizes. Rainwater drains through them, collecting in natural underground pools called aquifers that store fossil water. This is the water which can be found all over the place, occasionally turning up in wells, springs and water mines. It rises to the surface or plunges into the depths depending on the folds and pleats that the rock has





O denso conjunto de fracturas, depressões, sulcos ou caneluras desenhadas na pedra, que conformam rochas de grandes dimensões.

vegetação, que provoca a corrosão das rochas. Isto origina as formas que se apresentam diante dos nossos olhos, na circunstância um campo de megalapiás: o denso conjunto de fracturas, depressões, sulcos ou caneluras desenhadas na pedra, que conformam rochas de grandes dimensões, assemelhando-se ao dorso arredondado de grandes animais de pedra, isolados entre si, como ilhas num mar de solo nu, ou espreitando por entre densos matos.

Estes matos, por sua vez, constituem o designado garrigue, cuja matriz são formações arbustivas densas e atarracadas, pontuadas por árvores de pequeno porte, com adaptações ecológicas muito específicas, em resposta às características de solo e de clima.

Desenvolvem-se aqui também importantes populações de orquídeas silvestres, de conservação prioritária a nível europeu, miniaturas de fino recorte e elevada nota artística, atestando a superior inspiração da Natureza. Encontram-se aqui também raridades, como as anunciadas melhores comunidades de cormófitos em território nacional, ou uma espécie de Narciso, potencialmente novo para a Ciência, escondido nas fendas das rochas calcárias.

Mas esta curiosidade geológica estende-se muito para além da vista, mergulhando bem fundo sob os nossos pés. As fracturas e fissuras já referidas prolongam-se em profundidade, e percorrendo extensões enormes, criam cavidades de dimensões variáveis. Por elas escoam as chuvas, indo albergar-se em cisternas naturais subterrâneas – os aquíferos – que armazenam água fóssil. É esta a água que, um pouco por toda a parte, mas pontualmente, se revela em poços, fontes e mães de água, ascendendo à superfície ou mergulhando às profundezas consoante as dobras e pregas a que a rocha foi obrigada, como se de um frágil lençol se tratasse, pelas forças matriciais do planeta, em episódios vulcânicos e sísmicos.

Importa também lembrar que a ascensão ao cume do Cerro da Cabeça iniciou-se há muito tempo. De acordo com achados arqueológicos, encontrados dentro das grutas que perpassam o seu interior, algures no milénio II ou I a.C.. Mas, na sua base, a memória da exploração mineral abre espaço a uma outra exploração: a espeleológica. A profusão de cavernas existentes dá lugar a um autêntico mundo subterrâneo, concentrando o maior número de grutas na região do Algarve, bem como algumas das mais profundas.



been forced into, as though it were a fragile sheet, by the planet's raw forces, in volcanic and seismic episodes.

It should be borne in mind that the first people to climb to the top of Cerro da Cabeça did so a very long time ago. Archaeological finds from the caves inside it suggest it would have been sometime in the second or first millennium BC. However, at its base, the one-time mineral mine has opened up another option for exploring: caving. The abundance of caverns here gives rise to a veritable underground world; this is the place with the highest number of caves in the Algarve, as well as some of the deepest.

Apart from their general speleological interest, some of the caves are significant from a conservation viewpoint, since they shelter communities of chiropterans (bats), making it important to preserve them as a potential habitat. Indeed, the entire Cerro da Cabeça is an area of considerable scientific and scenic interest, which is why it is classified as a Site of Community Importance under the Natura 2000 network.

Given the peculiar appearance of this 250-metre-high hill on the landscape, not to mention its captivating appeal, it is not surprising that one of these caves – the Ladroeira Grande, located near the summit – is thought to have been used as a sanctuary.

From the summit, the panoramic view over the surrounding

A solidly packed set of fractures, depressions, ruts and grooves carved into the stone and forming huge rocks.



Para Sul e Nascente, o Barrocal vai-se transfigurando em litoral, nas planícies costeiras, com o mar ao fundo. A Poente, repousa altivo o Cerro de São Miguel. Para Norte, adivinham-se as primeiras encostas soalheiras da Serra do Caldeirão. Deste ponto, olha-se como que para um outro Mundo, a que apenas se regressará com a descida de volta ao sopé.

Para além do seu interesse espeleológico generalizado, algumas grutas apresentam relevância do ponto de vista da conservação, albergando comunidades de quirópteros (morcegos), que relevam a importância da sua preservação. Todo o Cerro da Cabeça constitui, de resto, uma área de elevado interesse científico e paisagístico, razão pela qual está classificado como Sítio de Importância Comunitária, no contexto da Rede Natura 2000.

Dada a excentricidade que esta elevação, que atinge os 250 metros de altitude, representa na paisagem e o sortilégio que lança, não surpreende a presunção de que uma dessas grutas, a da Ladroeira Grande, situada perto do cume, possa ter sido utilizada como santuário.

Do miradouro no seu topo o olhar abarca uma panorâmica total da envolvente. Abre-se à contemplação o mosaico paisagístico que, sobre uma tela magnífica estendida pela Natureza, o Homem soube inscrever com fino recorte. Não perfeita, mas antes perfeitamente imperfeita – uma paisagem à imagem do seu criador.

Para Sul e Nascente, o Barrocal vai-se transfigurando em litoral, nas planícies costeiras, com o mar ao fundo. A Poente, repousa altivo o Cerro de São Miguel. Para Norte, adivinham-se as primeiras encostas soalheiras da Serra do Caldeirão. Deste ponto, olha-se como que para um outro Mundo, a que apenas se regressará com a descida de volta ao sopé.

No regresso a Moncarapacho, a presença subtil dos prados embala o passo. Enganadores, oscilam entre o verde luxuriante e denso, e o esparso e amarelado, evocando memórias de um deserto bem próximo. Nestes campos, a verdura é um traje que não é verdadeiramente seu, mas antes uma roupagem emprestada para impressionar o Inverno, visitante de passagem, em terras que são domínio estival.

countryside is a feast for the eyes. The scenic patchwork of the landscape unfolds before you like a magnificent canvas spread out by Nature and elegantly cut up by Mankind. Not perfect; rather, perfectly imperfect – a landscape in the image of its creator.

To the south and east, the Barrocal gradually transforms into coastline, on the coastal plains, with the sea in the background. Rising to the west is the lofty Cerro de São Miguel. And to north we can catch just a glimpse of the first sunny slopes of the Serra do Caldeirão Uplands. From up here, it feels as though you are contemplating a different world, one that you will only return to when you go back down to the foothills.

On the way back to Moncarapacho, the subtle presence of meadows gently lulls your steps. Deceptive, they range from dense, lush greenery to patchy yellow, making you think of some nearby desert. The greenery donned by these fields is not really theirs but, rather, an outfit borrowed to impress winter, a passing visitor to these mostly summery lands.

To the south and east, the Barrocal gradually transforms into coastline, on the coastal plains, with the sea in the background. Rising to the west is the lofty Cerro de São Miguel. And to north we can catch just a glimpse of the first sunny slopes of the Serra do Caldeirão Uplands. From up here, it feels as though you are contemplating a different world, one that you will only return to when you go back down to the foothills.





The Cerro de São Miguel Hill



Cerro de São Miguel



From Moncarapacho, the route to the Cerro de São Miguel takes you up to the summit of the most visible feature of the Eastern Algarve landscape.

To get there, you must traverse a densely-detailed patchwork of odd and scattered buildings, associated with small family vegetable gardens. These plots, almost always associated with subsistence farming, bring to mind the specialised and highly valuable traditional Algarve patchwork, in which the fig was the star of the show. But the vegetable gardens are more than just a useful feature of the landscape. In fact, they are part of the profound relationship that the people of the Barrocal have with the land, a telluric and almost umbilical relationship, written into the deepest genetic code.

Farther on, after you have passed the Via do Infante motorway, the slopes of the hill are covered with Mediterranean garrigue, where groves of kermes oak and strawberry trees are the predominant species of vegetation. An attentive study of this system reveals very significant allelopathic processes; in other words, plants directly and indirectly influencing each other's development. Here, specifically, it is the aromatic oils and the chemical compounds present in the layer of dead vegetation and soil that contribute to the conditioning factors for plant distribution.

The characteristic **greyish-green** of the plant cover is largely due to the adaptive strategies developed by the plants to withstand the difficult soil and climate conditions.

O percurso até ao Cerro de São Miguel, a partir de Moncarapacho, é uma ascensão ao cume daquele que é o elemento mais visível da paisagem do Sotavento algarvio.

Para o atingir, há que percorrer, na sua base, um mosaico densamente pormenorizado de paradoxal edificação dispersa, associado a pequenas hortas familiares. Estas explorações, hoje quase sempre associadas à subsistência, fazem recordar o mosaico especializado, e de alto valor acrescentado, da tradição algarvia, onde o figo era estrela maior. Mas não se esgote o sentido das hortas na sua utilidade. Estas fazem parte, na verdade, da relação profunda que as populações do Barrocal estabelecem com a terra, uma relação telúrica quase umbilical, inscrita na mais profunda raiz genética.

Mais acima, e ultrapassada já a Via do Infante, as encostas do cerro são dominadas pelo garrigue mediterrânico, onde as formações de carrascal e medronhal são a matriz dos elencos vegetais. O estudo atento deste sistema revelou processos de alelopatia muito significativos, ou seja, uma influência directa e indirecta das plantas no desenvolvimento de outras. No caso concreto, são os óleos aromáticos e os compostos químicos presentes na manta morta a contribuir para as condicionantes à distribuição vegetal.

O verde acinzentado característico destes maciços vegetais decorre grandemente das estratégias adaptativas desenvolvidas pelas plantas para resistir às difíceis condições edafo-climáticas. Esta tonalidade é, no entanto, pontuada por floração intensa, em alguns casos com cores vibrantes.

Aqui a despedrega serviu para compor estruturas de suporte de terras e armar pequenos socacos onde possível, conquistando espaço, criado onde o não havia.

O Cerro de São Miguel inclui o ponto mais alto da Serra de Monte Figo, um conjunto de 5 elevações (cerros do Malhão, Malhão 1.º, Azinheiro, São Miguel e Cabeça) que se estende entre os concelhos de Faro e Olhão, e que funciona como principal linha de fecho – ou de cumeadas – na rede hidrográfica local. Nas suas encostas distribuem-se as águas para as bacias hidrográficas de 5 importantes ribeiras: Tronco (que, para jusante, atravessa Moncarapacho e vai desaguar perto da Fuseta), Marim, Bela Mandil, Rio Seco e Asseca.

Uma relação profunda que as populações do Barrocal estabelecem com a terra, uma relação telúrica quase umbilical, inscrita na mais profunda raiz genética.



However, this tonality is punctuated by intense flowering and, in some cases, in vibrant colours.

Stones cleared from here were used to build structures to support the land and to form small terraces where possible, thus gaining space by creating it where previously there was none.

The Cerro de São Miguel is where the highest point in the Serra de Monte Figo range is located. Consisting of five hills (Malhão, Malhão 1.º, Azinheiro, São Miguel and Cabeça) and stretching between the municipalities of Faro and Olhão, Serra de Monte Figo serves as the main summit line in the local hydrographic network. Water runs down its slopes to feed the drainage basins of five important streams: Tronco (which crosses Moncarapacho downstream before flowing into the ocean near Fuseta), Marim, Bela Mandil, Rio Seco and Asseca.

Its presence on the landscape is such that the Cerro de São Miguel has been used since antiquity as a landmark for coastal shipping. Indeed, it features in a number of maps, texts and historical documents belonging to different peoples not only from the Mediterranean Basin but also from northern Europe.

Like Adamastor (a mythological character created by the Portuguese poet Luís de Camões in his epic poem *Os Lusíadas*), the Cerro de São Miguel played an important role in the folk tales and fantasies of the various seafaring peoples who encountered the Algarve's coastline over the millennia. This is why it has been associated with mystical energies and powers, sometimes sacred and sometimes profane. The Greeks named it Mount Zephyr – undoubtedly because they found favourable winds for

A profound relationship that the people of the Barrocal have with the land, a telluric and almost umbilical relationship, written into the deepest genetic code.





Agave, sp

Qual Adamastor, também o Cerro de São Miguel desempenhou um papel importante no folclore e imaginário dos diferentes povos marítimos que cruzaram, ao longo de milénios, a costa algarvia.

A sua presença na paisagem é de tal ordem que, desde a Antiguidade, o Cerro de São Miguel serve de referência à navegação por cabotagem. É inclusivamente um elemento referenciado em diversos mapas, textos e documentos históricos, de diferentes povos na bacia do Mediterrâneo mas também do Norte da Europa.

Qual Adamastor, também o Cerro de São Miguel desempenhou um papel importante no folclore e imaginário dos diferentes povos marítimos que cruzaram, ao longo de milénios, a costa algarvia. Foi assim associado a energias e poderes místicos, por vezes sagrados, por vezes profanos. Dos Gregos recebeu o nome de Monte Zéfiro – seguramente por nestas bandas encontrarem ventos favoráveis ao regresso a casa, semelhantes aos que o Deus do Vento Oeste enviava, em resposta às suas preces – e chegou a ser considerado uma espécie de Olimpo emulado.

Rezam as tradições locais que o seu nome actual se deve à preferência do Infante D. Henrique por São Miguel. No regresso da

campanha de Ceuta, o cerro terá sido o primeiro sinal de terras de Portugal que se ofereceu ao avistamento do Navegador que assim o baptizou em honra do santo.

Outra teoria estabelece pontes entre a toponímica angelical e a outra designação comumente atribuída ao Cerro, a de Monte Figo (de onde, de resto, deriva o nome dado à série de cumeadas em que se destaca). Estando o cultivo da figueira intimamente associado ao Cerro, e que cobria boa parte das suas encostas, constituindo durante muito tempo, aliás, a mais importante produção regional, teria sido um baptismo lógico, o deste fruto como nome da elevação. Mais ainda se pensarmos que o mesmo se rela-

their homeward journeys in the area, similar to those sent by the God of the West Wind in answer to their prayers. It was even considered a sort of emulation of Mount Olympus.

Local tradition has it that it owes its current name to Prince Henry the Navigator's liking for Saint Michael. It is thought that the hill was the first glimpse of land that the prince saw as he returned from his campaign in Ceuta, and he therefore named it in honour of the saint.

Another theory establishes bridges between the place name with saintly overtones and another name commonly given to the hill, that of Monte Figo ("Fig Hill", which, incidentally, is also where the name derives for the mountain range that it towers over). Naming the hill after the fruit is perfectly logical; after all, the cultivation of fig trees, which cover a good part of the slopes, is intimately connected to the hill and, indeed, figs were the most important regional crop for some considerable length of time. Furthermore, it makes even more sense when you consider that it is precisely on the 29th of September – Saint Michael's saint's day – that the fig harvesting season is considered to end. And this is also the day on which a period called "rabisco" begins, during which any person can harvest any fruit remaining on the trees without committing an offence against the owners' rights. Yet another detail contributes to this relationship: a popular saying that claims, "With the passing of Saint Michael's day, the fig tree is anyone's".

Also noteworthy is the difference in preference as to which name to use, depending on whether a person lives on the Olhão coast or inland. The coastal populations, with their stronger maritime traditions, refer to it as Saint Michael's Hill. Inland, it is better known as Fig Hill. Thus we can identify two distinct outlooks: one related to the sacred and the other to day-to-day life.

Nevertheless, the mundane and the sacred agree on one point: Saint Michael's Chapel. The construction and consecration dates of the chapel, located on the north slope of the hill, out of sight of the sea, are not known. It comprises an empty building with stone spans and pointed arches, suggesting Gothic inspiration, at least. In addition to the dating based on style, a reference from 1608 refers to reconstruction work in that year, so the original building would necessarily have to predate this.

Like Adamastor (a mythological character created by the Portuguese poet Luís de Camões in his epic poem *Os Lusíadas*), the Cerro de São Miguel played an important role in the folk tales and fantasies of the various seafaring peoples who encountered the Algarve's coastline over the millennia.

É um ponto de deslumbramento e de espanto, mas também de leitura. Leitura da homogeneidade heterogênea do Algarve, numa continuidade entre Serra, Barrocal e Litoral, ou vice-versa. Leitura desta paisagem e da história que nos conta, iniciada há milénios.

ciona com o topónimo de S. Miguel, já que é no seu dia, comemorado a 29 de Setembro, que se dá por terminada a colheita do figo. É também a partir desse dia que se inicia o denominado “rabisco”, período em que qualquer pessoa pode colher, sem incorrer em ofensa dos direitos dos proprietários, os frutos restantes nas árvores. Contribui para esta relação ainda um outro pormenor, patente num dizer popular: “em passando o dia de S. Miguel, é a figueira de quem quer”.

É ainda notável a diferença entre a designação preferencial do monte, adoptada pela população do interior e do litoral de Olhão. As gentes litorais, de vocação marítima mais vincada, conhecem-no por Cerro de S. Miguel. No interior, o Monte Figo é o mais conhecido. Podem assim identificar-se dois olhares distintos: um de sacralização, outro de vivência.

Não obstante, o mundano e o sagrado convergem para um ponto: a ermida de S. Miguel. Localizado na encosta Norte do cerro, sem vislumbre de mar, desconhece-se a data de assentamento e consagração deste templo, composto por um edifício despojado, apresentando vãos de pedra com arcos de ogiva quebrada, sugerindo, no mínimo, uma inspiração gótica. A juntar à datação estilística, existe uma referência datada de 1608, que indicia nessa data obras de reconstrução, pelo que a sua origem será sempre anterior. As romarias que em tempos se fariam a este local perdem-se hoje na memória, não tendo subsistido até aos dias que correm.

Chegando aos 410 m de altitude, encimados por um marco geodésico, atinge-se o ponto mais alto, onde se instalam diversos equipamentos associados a transmissões de telecomunicações e audiovisual. *Urbi et orbi*, a partir deste Cerro, poder-se-ia dizer.

Daqui vislumbra-se, em dias de boa visibilidade, praticamente toda a costa do Sotavento algarvio, bem como os contrafortes da Serra a Norte, adivinhando-se ainda o volume massivo de Monchique, a Poente. É, portanto, um ponto de deslumbramento e de espanto, mas também de leitura. Leitura da homogeneidade heterogênea do Algarve, numa continuidade entre Serra, Barrocal e Litoral, ou vice-versa. Leitura desta paisagem e da história que nos conta, iniciada há milénios.

É assim ponto de encontro com nós próprios.

There are no longer pilgrimages to the chapel, as would have occurred in bygone days, the tradition having been lost in the mists of time.

At an altitude of 410 metres, you reach the highest point, topped by a geodesic dome and by a variety of telecommunication and audiovisual broadcasting antennas and facilities. “*Urbi et orbi*”, one might say from up here.

On a clear day, almost the entire Eastern Algarve coastline is visible, as well as the foothills of the uplands to the north. You can even catch a hint of the Monchique Mountains to the west. So it is not only a breathtakingly amazing spot but also an informative one. From here, you can grasp the notion of the heterogeneous homogeneity of the Algarve, as Uplands, Barrocal and Coastline merge in each direction. The notion of a landscape and the ancient history it recounts.

It is, therefore, a meeting point with ourselves.

So it is not only a breathtakingly amazing spot but also an informative one. From here, you can grasp the notion of the heterogeneous homogeneity of the Algarve, as Uplands, Barrocal and Coastline merge in each direction. The notion of a landscape and the ancient history it recounts.



FUSETA





A Branca Noiva do Mar The White Bride of the Sea

Deve a localidade o seu nome ao facto do assentamento primitivo se localizar na foz de um pequeno ribeiro conhecido como Êta – hoje ribeira do Tronco. Uma evolução etimológica directa encarregou-se de transformar assim a Foz do Êta na contemporânea Fuzeta.

Desde sempre ligadas à faina do mar, também em terra, na lavoura, as gentes da Fuzeta se ajeitavam: *“os habitantes não são menos laboriosos em terra do que no mar; dão-se muito ao fabrico e cultura dos campos, que estão bem aproveitados”*. A tal destreza ambivalente não seria alheia, primeiramente, a necessidade. A intermitência do mar, cujo acesso era frequentemente cortado pelas condições dos ventos e da agitação marítima, bem como por assaltos e pilhagens litorais, levava a que gente da pesca se visse assim forçada a um regime de sequeiro, porque a vida tem que se governar, mesmo em tempos de aflição.

Fuzeta takes its name from the fact that the original settlement was located at the mouth of a small stream known as the Êta; today, it is the Tronco Stream. Direct etymological evolution resulted in the name changing from Foz do Êta (Mouth of the Êta) to the present-day Fuzeta.

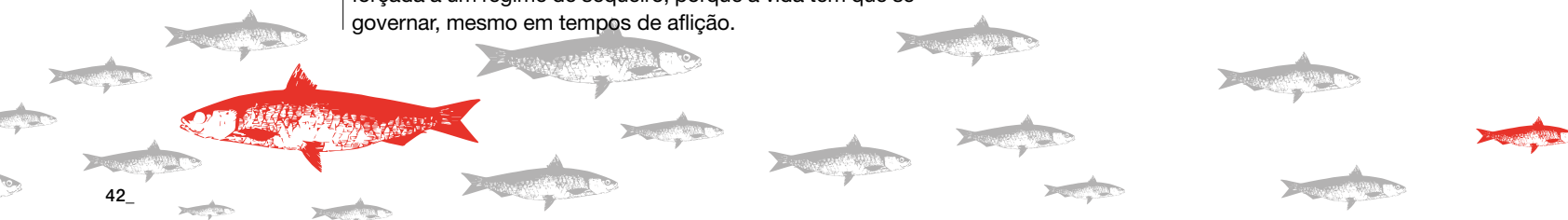
Although having a long-standing connection to the fishing industry, the people of Fuzeta were quite handy at working the land too. “The inhabitants are no less hard-working on land than they are at sea; they make a considerable effort to farm their fields, which are put to very good use”. Necessity would undoubtedly have been the driving force behind the development of these various skills. Access to the sea was unreliable, not only due to weather and wind conditions and the roughness of the waters, but also due to coastal raiding and pillaging. The fisher folk would thus be forced to turn to dryland crop-growing, because life must go on even when times are hard.

With solid roots on dry land but an undeniable seafaring vocation, it can be hard to get the measure of Fuzeta only through its small geometry. Because it encompasses the cosmopolitan breadth of the Ria area and the suggestion of the sea immediately beyond, contrasting with the intimate seclusion of its rural backdrop. As though holding within itself two separate yet united and indivisible souls.

Today it retains its importance, still and always connected to the sea and fishing; but now there is also a link to tourism, with excellent beaches lapped by the waters of the Ria or the Atlantic Ocean providing enjoyment for all who visit them.



With solid roots on dry land but an undeniable seafaring vocation, it can be hard to get the measure of Fuzeta only through its small geometry. Because it encompasses the cosmopolitan breadth of the Ria area and the suggestion of the sea immediately beyond, contrasting with the intimate seclusion of its rural backdrop. As though holding within itself two separate yet united and indivisible souls.



Com sólidas raízes em terra firme, mas uma vocação inequivocamente marítima, a Fuseta, na sua pequena geometria, é difícil de medir. Porque tem em si a amplitude cosmopolita dos ares da Ria, a fazer adivinhar o Mar logo a seguir, em contraponto à reclusão intimista do mosaico campestre que lhe serve de retaguarda. Como que encerra em si duas almas diferentes, mas unas e indivisíveis.



Com sólidas raízes em terra firme, mas uma vocação inequivocamente marítima, a Fuseta, na sua pequena geometria, é difícil de medir. Porque tem em si a amplitude cosmopolita dos ares da Ria, a fazer adivinhar o Mar logo a seguir, em contraponto à reclusão intimista do mosaico campestre que lhe serve de retaguarda. Como que encerra em si duas almas diferentes, mas unas e indivisíveis.

Hoje mantém a sua importância, ainda e sempre ligada ao mar e à pesca, mas também já ligada ao turismo e à fruição banhar das excelentes praias que, quer na Ria quer no Mar, se oferecem à visitação e deleite.

Seguindo rumo a Poente, atravessa-se o Bairro dos Pescadores. Unidade de habitação social do primeiro quartel do Século XX – das primeiras a nível nacional – de inspiração modernista, a sua autoria é atribuída a Carlos Ramos. As casas modulares cúbicas, em linha com a tradição arquitectónica local, organizam-se em torno de um pátio central, ostentando também chaminés inspiradas no modelo algarvio e dispondo de açoteias. Nestas é possível encontrar, em plena secagem, hoje como ontem, o tradicional litão, iguaria favorita da Consoada olhanense, derrotando nas preferências, por estas paragens, até mesmo o fiel amigo, o bacalhau.

Mas o bairro vive hoje mais longe do mar. Ainda o vê ao longe, por entre novos bairros. Nessa imagem marítima ergue-se, dominante, heróica e intrépida, a Estação Salvavidas da Fuseta. Edifício de traço igualmente modernista, representa uma inequívoca evocação da náutica que servia, em auxílio dos aflitos.

Continuando caminho, novas brancas noivas se perfilam. Talvez sejam apenas damas de honor, que embora belas, não conseguem retirar o protagonismo da original. Viradas para a Ria, parecem ainda assim de costas voltadas para ela. Sucedem-se assim, num curto troço, muitas vivências diferentes desta mesma Fuseta, marcas de diferentes tempos que, embora harmoniosamente, convivem em mútua indiferença.

Apesar das diferenças, a Ria que agora se descobre em pleno, une, agrega. As diferenças esbatem-se na comunhão do sortilégio de uma formosura que não deixa ninguém indiferente.

No caminho, demora-se uma plateia de espécies vegetais invasoras, problema maior de uma convivência entre o autóctone e o alóctone, entre o típico e o exótico. Face

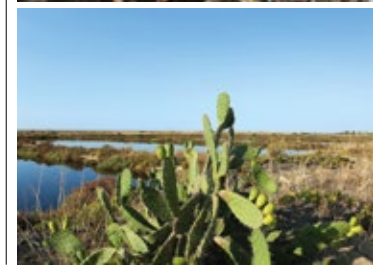
Heading westwards, go through the Bairro dos Pescadores (Fishermen's Neighbourhood). A social housing estate dating back to the early twentieth century – one of the first in Portugal – its modernist-inspired design is attributed to Carlos Ramos. In line with local architectural tradition, the modular cube-shaped houses are laid out around a central patio; they also feature chimneys inspired by the traditional Algarve model and have roof terraces. Here, you can still find catshark being dried in the same way that it was in bygone days. It is a favourite treat for the people of Olhão at Christmas time, even taking preference over the more typical festive dish of salt cod.

Today, however, the neighbourhood is farther from the sea. It can still be seen in the distance, though, if you peer through the spaces in the newer housing estates. Looming over this maritime image stands the heroic and intrepid Fuseta Lifeboat Station. Also designed in modernist style, the building is clearly meant to represent the vessels that would have required its aid in moments of distress.

As you continue on your way, new white brides line up before your eyes. Perhaps they are only maids of honour that, however attractive, are unable to detract from the beauty of the original. Indeed, they rather seem to have turned their back on her, as they face the Ria instead. And so, one after the other over a short distance, you discover many different aspects of this same Fuseta, signs of different times standing harmoniously shoulder-to-shoulder, yet mutually indifferent.

Despite the differences, the Ria, which now opens up before you in its entirety, is a unifying force that brings everyone together. The differences fade as you feast your eyes on the captivating beauty to which no-one could remain indifferent.

Along the way, take the time to look at some of the invasive plant species, a serious problem in places where autochthonous, allochthonous, typical and exotic species grow side-by-side. In light of the region's geographical location and climate, the Algarve has been a point of passage and place of settlement shared by international traders, explorers, warriors and, more recently, tourists. From cultures, knowledge, experiences and... plant species, from those intended for agricultural or industrial purposes, to ornamental plants. Disturbed habitats, such as mobilised land, verges, urban outskirts or the edges



As condições são ideais: elevada salinidade das águas e uma evaporação intensa durante longos, secos e escaldantes Verões, sob um Sol impiedoso.



**Salina. Extração de Sal
Salt pans. Salt Extraction**



Mais literais são as memórias das salinas que agora se revelam. Generosa armadilha, que com ardil e labor é estendida ao oceano, o trabalhar do sal na organizada sucessão de tanques que compõem as salinas não é outra coisa que não uma ancestral exploração do mar em terra. As condições são ideais: elevada salinidade das águas e uma evaporação intensa durante longos, secos e escaldantes Verões, sob um Sol impiedoso. Conhecidas desde há muito, embora sem a notoriedade das de outras paragens algarvias e marcadas por alguma irregularidade na actividade, as marinhas – também assim conhecidas – da Fuseta participaram de uma abundante produção que chegou, inclusivamente, a abastecer não apenas o mercado interno, mas inclusivamente o externo, através da exportação.

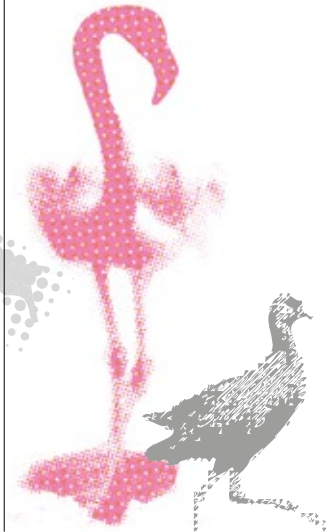
of aquatic systems leave open spaces that are particularly vulnerable to invasion by species with more aggressive breeding patterns. And so the original biodiversity of our landscapes comes under threat. A particular pest around here is the Hottentot fig, which, even so, evokes a curious metaphor, bringing to mind the tears of Portugal, which have given so much salt to the sea.

More literal are the memories of the salt pans that now open up before you. A generous trap, extending into the sea thanks to shrewdness and hard work, salt production using an organised succession of salt pans is nothing more than an ancient means of exploiting the sea while on land. The conditions are ideal: the high salinity of the water and intense evaporation under a merciless sun during the long, dry, scalding-hot summers. Although nowhere near as well-known as other places in the Algarve, there has long been awareness of the existence of the area's salt pans, which are called “salinas” or “marinhas” in Portuguese. And while the activity itself has been somewhat irregular, Fuzeta's salt production has been abundant to the point of supplying not only the domestic market but also of exporting to foreign markets.

Nowadays, the roles of bygone seafarers and salt-producers are mostly played by birds, preserving the memories and awaiting the return of the salt artisans. Because here, there is no such thing as abandonment. Instead, there is waiting. For a return, for new life. That never stops.

You can tell just by watching the nervous toing and froing of black-winged stilts, dunlins, herons, spoonbills, great cormorants, oystercatchers and many, many more. In these spaces, waders reign supreme. These are birds which feed in shallow water or at the water's edge and which have evolved to suit this particular environment. Adaptations include longer legs and beaks that are longer or have specific shapes so that the birds are better able to catch their prey (which may consist of anything from plankton to insects, by way of worms, crustaceans, molluscs, fish or algae). A significant number of these species that inhabit the Ria Formosa are migratory, sometimes covering vast distances. This serves as further proof of the importance of these wetlands, where the birds find a safe place to shelter and abundant food. Here, they recharge their batteries in readiness for their next adventure as they obey the ancient

The conditions are ideal: the high salinity of the water and intense evaporation under a merciless sun during the long, dry, scalding-hot summers.



Hoje são maioritariamente aves quem faz as vezes de marnotos e salineiros idos, guardando as memórias, aguardando o regresso dos artesãos do sal.



Hoje são maioritariamente aves quem faz as vezes de marnotos e salineiros idos, guardando as memórias, aguardando o regresso dos artesãos do sal. Porque neste espaço não existe abandono. Existe espera. De um regresso, de uma nova vida. Que não pára.

Basta ver a azáfama nervosa de pernilongos, pilritos, borrelhos, garças, colhereiros, corvos-marinhos, ostraceiros, entre tantos outros. Nestes espaços, reinam as limícolas, aves que se alimentam em planos de água, ou na sua proximidade, e que desenvolveram adaptações especiais, como pernas mais altas ou bicos mais alongados ou com formas particulares, que possibilitam a captura das suas presas (que podem ir do plâncton a insectos, passando por minhocas, crustáceos, moluscos, peixes ou algas). Parte significativa destas espécies que povoam a Ria Formosa é migradora, por vezes de grandes distâncias, facto que reforça a importância desta zona húmida, onde encontram ponto de paragem seguro e pleno de alimento. Para repor energias, em preparação da próxima aventura,

instructions deeply inscribed on their very genetic code.

Returning now to our itinerary, you feel a sense of protection as you walk under the watchful eye of the Bias Tower. This ancient watchtower bears silent witness to a historical past where danger, struggles and pain were also present. It was part of a small but important network of military structures that complemented fortified positions such as the now-vanished Fuzeta Fort, located opposite the harbour (close to where the Customs Office is currently located). With “a cannon and a gunner” and a “garrison of four soldiers”, it was tasked with tracking the movements

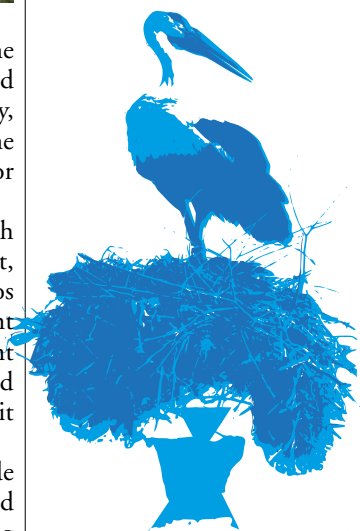


of the pirates and corsairs who frequently attacked the coastline. These watchtowers also alerted shipping and the population, using fire by night and smoke by day, as necessary. This is also the reason for the Arabic name of “almenaras”, which translates roughly to “torch” or “lighthouse”.

And it is precisely during the Islamic period (11th to 13th centuries) that it is thought to have been built, watching over and controlling the Regueira dos Barcos and Marim Canals and Armona Island, as a complement to the Atalaia, or Joanes, Tower to the west. Its current state of dilapidation is well-known, having been reported as long ago as the mid-eighteenth century. Nevertheless, it still stands proudly in its post.

A source of news as they flow through the countryside and down to the Ria, the streams connect systems and the landscape, harking back to the valleys that, having enclosed them upstream, now open out in preparation for the fraternal embrace as they reunite with the sea, their

Nowadays, the roles of bygone seafarers and salt-producers are mostly played by birds, preserving the memories and awaiting the return of the salt artisans.





Ao encontro da Ria, fluem as ribeiras, que trazem novas do interior, que ligam sistemas, paisagem, em memórias de vales, que neste ponto quebram já a clausura de montante, abrindo-se em preparação para o abraço fraterno de reunião com o mar, afinal seu destino. Cumpre-se assim a ligação entre Barrocal e Litoral, na continuidade de territórios que são na verdade um só.

obedecendo a uma determinação milenar, inscrita no mais profundo do seu próprio código genético.

De volta ao nosso trajecto, sente-se a segurança de caminhar sob a guarda da presença da Torre de Bias. Atalaia antiga, testemunha silenciosamente uma história que foi feita também de perigos, lutas e dor. Integrava a rede de pequenas mas importantes estruturas militares que complementavam postos fortificados, como o hoje desaparecido Forte da Fuseta, localizado em frente à barra (perto da localização do actual posto da Guarda Fiscal), com “uma peça e um artilheiro” e “guarnição de quatro soldados”, na tarefa de vigilância contra piratas e corsários que, em frequentes incursões flagelavam a linha costeira. Estas torres de vigia informavam também a navegação e a população, fazendo fogo de noite e fumo de dia, quando necessário. Daí também o nome árabe de “*almenaras*”, que se traduz aproximadamente por facho ou farol.

É precisamente na época islâmica (séc. XI a XIII) que se estima o seu assentamento, vigiando e controlando o Canal Regueira dos Barcos, o Canal de Marim e da Ilha da Armona, em complemento com a Torre da Atalaia, ou de Joanes, a Poente. De há muito conhece o seu presente estado de ruína, reportado já em meados do Séc. XVIII. Ainda assim, permanece ativa, no seu posto.

Ao encontro da Ria, fluem as ribeiras, que trazem novas do interior, que ligam sistemas, paisagem, em memórias

ultimate destination. And so the connection between Barrocal and coastline is complete, a continuity of lands that, in fact, are one and the same.

A spirit of fellowship sets in, of sharing, and not merely with the environment but also with those whose paths we cross. A shared knowledge, a common secret, a trail that is hinted at in the steps of others, exchanged in greetings of affinity.

But the encounter with the Ria Formosa is personal and non-transferable. It occurs through body and soul. Because this space is land, sea, people and soul all in the very same instant.

Even if we are unaccompanied as we walk the trails that cross the territory's patchwork-like landscape, and irrespective of the time of year, we will find that we are never truly left alone, since it is more than the mere sum of its parts. It is a presence, a telluric spirit that is seen but does not impose, that is not felt specifically but which accompanies us and which we are aware of.

It is there, in its capacity for transfiguration, which ranges from the torrid placidity of a lagoon without a

A source of news as they flow through the countryside and down to the Ria, the streams connect systems and the landscape, harking back to the valleys that, having enclosed them upstream, now open out in preparation for the fraternal embrace as they reunite with the sea, their ultimate destination. And so the connection between Barrocal and coastline is complete, a continuity of lands that, in fact, are one and the same.





Mas o encontro com a Ria Formosa é pessoal e intransmissível. Faz-se através de corpo e alma. Porque este espaço é, no mesmo instante, terra, mar, gente, alma.

de vales, que neste ponto quebram já a clausura de montante, abrindo-se em preparação para o abraço fraterno de reunião com o mar, afinal seu destino. Cumpre-se assim a ligação entre Barrocal e Litoral, na continuidade de territórios que são na verdade um só.

Instala-se um espírito de comunhão, de partilha, não apenas com o meio, mas com quem se cruza no caminho. Um saber partilhado, um segredo comum, um trilho que se adivinha nos passos do outro, trocados em cúmplices saudações.

Mas o encontro com a Ria Formosa é pessoal e intransmissível. Faz-se através de corpo e alma. Porque este espaço é, no mesmo instante, terra, mar, gente, alma.

Mesmo que sozinhos, ao percorrer os trilhos que atravessam o mosaico de paisagens que a compõe, em qualquer uma das Quatro Estações, descobrimos que não nos deixa sós, pois é mais do que a mera soma das suas partes. É uma presença, um espírito telúrico que se nota mas não se impõe, que não se sente especificamente, mas que nos acompanha, que se sabe que está lá.

Está lá, na sua capacidade de transfiguração, que vai da tórrida placidez de uma laguna sem uma brisa que quebre a sensação de tempo parado, à impressionante demonstração de força de elementos, água, terra, vento, que colidem e disputam entre si a supremacia da paisagem.

Está lá, no carácter das suas gentes, geograficamente tão próximas mas tão distintas entre si, unindo-as, ainda assim, o traço da generosidade, embora vincado por uma nem sempre fácil mas estreita convivência com a Ria, e pelo reflexo do ancestral ostracismo a que o Reino dos Algarves, que chegou mesmo à sua transformação em terra de degredo, foi votado.

Está lá, na luz que a ilumina e sustenta, que nos ofusca e fascina, ao revelar cores com intensidade sem paralelo, na tela matizada das suas paisagens.

Está lá, no ocaso de um dia plenamente bem passado, celebrado com um céu inflamado pela explosão colorida do adeus do Sol.

Aqui somos nós as folhas agitadas pela brisa, que nos sussurra encanto e maresia.

Para lá da ferrovia, o mosaico de hortas que nos acompanhará de regresso à Fuseta, demonstrando **a proximidade entre Campo e Ria, e a diversidade e vida de uma paisagem que é nova a cada visita.**



breeze that breaks the sensation of time standing still, to the impressive display of strength of elements – water, earth and wind – colliding and vying with each other for supremacy of the landscape.

It is there, in the character of its people, geographically so close and yet so distinct from each other; the trace of generosity uniting them despite the marks of a coexistence with the Ria that, although close, has not always been easy; and despite the reflection of the ancestral ostracism that was the lot of the Kingdom of the Algarves, once considered a land of exile.

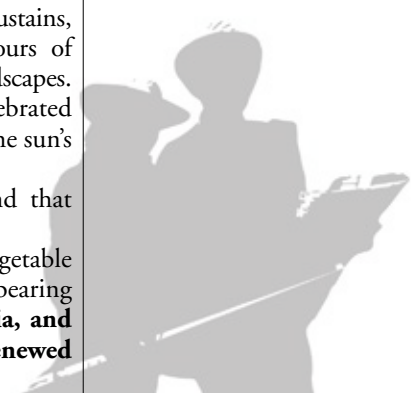
It is there, in the light that illuminates and sustains, blinding us and fascinating us as it reveals colours of unparalleled intensity on the painted canvas of its landscapes.

It is there, at the end of a day well-spent, celebrated with a sky set alight by the colourful explosion of the sun's farewell.

Here we are, the leaves fluttering in the wind that whispers its salty spell in our ears.

Beyond the railway line, the patchwork of vegetable gardens that accompanies us on our way to Fuseta, bearing witness to **the proximity of Countryside and Ria, and to the diversity and life of a landscape that is renewed with every visit.**

But the encounter with the Ria Formosa is personal and non-transferable. It occurs through body and soul. Because this space is land, sea, people and soul all in the very same instant.





- Cancela d'Abreu, A.; Pinto Correia, T.; Oliveira, R. (Coord., 2004). Contributos para a Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continental. Direcção-Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano, Lisboa.
- Coutinho, V. (1997). Castelos, fortalezas e torres da região do Algarve. Algarve em Foco Editora, Faro.
- Coutinho, V. (2001). Dinâmica Defensiva da Costa do Algarve – do período islâmico ao século XVIII. Instituto de Cultura Ibero-Atlântica, Portimão.
- Dias, J. P. (2018). Algarve manifesto. Edição de subscritores, Castro Marim.
- Faria, N. (Coord., 2008). Projecto Observatório. Arte, Ambiente e Paisagem. A Ria Formosa e o Barrocal. Direcção Regional de Cultura do Algarve, Faro.
- Gonçalves, E. (1996). Dicionário do Falar Algarvio. Algarve em Foco Editora, Faro.
- Mabberley, D.; Placito, P. (1993). Algarve Plants and Landscape. Passing Tradition and Ecological Change. Oxford University Press, Oxford.
- Malato Beliz, J. (1986). O Barrocal Algarvio. Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza, Lisboa.
- Marques, M. (Coord., 1999). O Algarve da Antiguidade aos nossos dias. Edições Colibri, Lisboa.
- Mendes, A. (2009). Olhão fez-se a si próprio. Gente Singular Editora, Olhão.
- Oliveira, A. (1999). Monografia do Concelho de Olhão. Algarve em Foco Editora, Faro.
- Oliveira, E. V.; Galhano, F. (2003). Arquitectura tradicional Portuguesa. Publicações Dom Quixote, Lisboa.
- Pessoa, F., Alexandre, J. (1999). Algarve. Paisagens e Espaços Naturais. Comissão de Coordenação da Região do Algarve, Faro.
- Pessoa, F.; Rosa Pinto, J.; Alexandre, J. (2004). Plantas do Algarve com interesse ornamental. Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve e Edições Afrontamento, Faro.
- Pinto Gomes, C.; Ferreira, R. (2005). Flora e vegetação do Barrocal Algarvio (Tavira - Portimão). Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve, Faro.
- Proença, R. (Coord., 1927). Guia de Portugal, Vol. II – Estremadura, Alentejo e Algarve. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- Ribeiro, O. (1998). Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico. Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa.
- Ribeiro, O. (2011). Mediterrâneo. Ambiente e tradição. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- Ribeiro, O. (2013). Geografia e Civilização. Livraria Letra Livre, Lisboa.
- Tomé, S. (2012). A água dá, a água tira. Um estudo sobre a Cultura Tradicional da Água no Barrocal Algarvio. Sinapsis Editores, Óbidos.

Antes de partir

Equipamento e vestuário a considerar

- Chapéu, óculos de sol e protector solar.
- Calçado apropriado para o percurso que vai realizar.
- Peças de roupa leves adequadas à estação do ano, incluindo impermeável para a chuva.
- Mochila pequena e leve para transportar água, refeições ligeiras e energéticas, estojo básico de primeiros socorros, bússola, lanterna (para o caso de se encontrar no percurso depois de anoitecer), telemóvel (embora a rede de comunicações móveis não abranja algumas zonas do interior) e o guia de percursos.
- Para melhor apreciar a natureza que o rodeia, poderá ser interessante levar uma máquina fotográfica, uns binóculos ou até uma lupa.

Outros conselhos

- Informar-se sobre a previsão meteorológica.
- Verificar a hora de partida, confirmando que pode terminar o percurso antes de anoitecer.
- Para os percursos inseridos em zona de caça, ter em atenção os meses do Outono e Inverno, em particular às quintas-feiras, aos fins-de-semana e aos feriados. Para mais informações, contactar o Núcleo Florestal do Algarve.
- Não leve consigo objectos de valor desnecessários.
- Nunca partir sozinho para um percurso.

No campo

- Siga sempre pelos trilhos sinalizados.
- Quando atravessar povoações e áreas cultivadas, respeite os costumes, tradições e bens.
- Respeite as normas em vigor em áreas protegidas.
- Seja silencioso: evite gritar ou mesmo falar alto.
- Não colha plantas ou rochas, nem perturbe os animais.
- Quando confrontado com um animal agressivo, não corra. Continue a andar.
- Nunca faça fogueiras.
- Aconselham-se algumas pausas para refeições ligeiras. Beba pouca água de cada vez, mas a quantidade suficiente para evitar a desidratação.
- Não abandone qualquer tipo de lixo. Transporte-o consigo num saco e deposite-o num local onde haja serviço de recolha.
- Esteja atento ao que o rodeia.

Before setting off

Equipment and clothing to consider taking:

- Hat, sunglasses and sunscreen.
- Footwear that is suitable for the walk to be done.
- Light clothing that is suitable for the season, including rainwear.
- A small, light bag for carrying water, light, energy-providing meals, a basic first aid kit, compass, torch (in case you are walking after nightfall), mobile phone (although the mobile communication network does not cover all parts of the interior) and the trail guide.
- In order to get full benefit from the natural surroundings, it might be a good idea to take a camera, a pair of binoculars and even a magnifying glass.

Other advice

- Find out what the weather forecast is.
- Check your departure time and confirm that you can complete the trail before it gets dark.
- For trails which are located in hunting zones, take care during the autumn and winter months, especially on Thursdays, weekends and public holidays. For more information, please contact the “Núcleo Florestal do Algarve” (Algarve Forestry Centre).
- Do not take unnecessary valuables with you.
- Never set off on a walk alone.

In the countryside

- Stick to the signposted trails.
- When going through inhabited and agricultural areas, respect people's customs, traditions and property.
- Respect the rules which are in force in protected areas.
- Avoid making noise: do not shout or speak loudly.
- Do not gather plants or rocks, and do not disturb animals.
- If faced with an aggressive animal, do not run. Continue walking.
- Never light fires.
- It is advisable to stop from time to time for light snacks. Drink only a little water each time, but sufficient to avoid becoming dehydrated.
- Do not leave any kind of rubbish behind. Take it with you and leave it where there is a rubbish collection service.
- Be alert to what is around you.



Info SOS

SOS Emergência: 112
 Informação Anti-Venenos: 808 250 143
 Bombeiros Municipais: 289 710 000
 Centro de Saúde de Olhão: 289 700 260
 Polícia de Segurança Pública: 289 710 770
 G.N.R.: 289 790 010
 Município de Olhão: 289 700 100
 Posto de Turismo: 289 713 936
 Museu Municipal: 289 700 103
 Sede da União de Freguesias de Moncarapacho Fuseta: 289 792 158

Info SOS

Emergency Number: 112
 Anti-Poison Information: 808 250 143
 Local Fire Department: 289 710 000
 Local Hospital: 289 700 260
 Local Police Department: 289 710 770
 G.N.R.: 289 790 010
 Olhão Municipality: 289 700 100
 Tourist Office: 289 713 936
 Municipal Museum: 289 700 103
 Moncarapacho and Fuseta Town Council: 289 792 158

Caminhos Romanos / Roman Routes

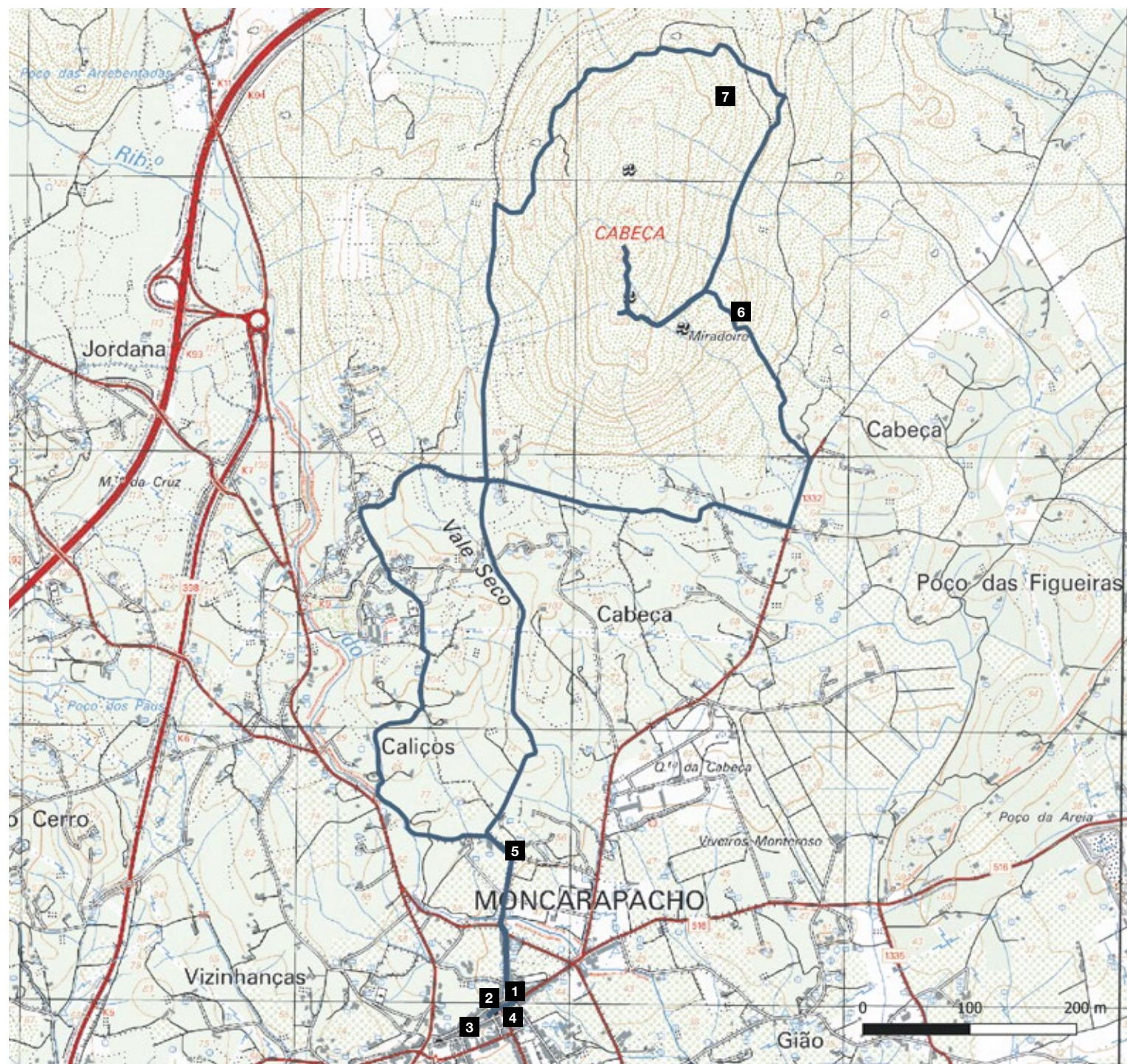
PR1 – 10.8Km

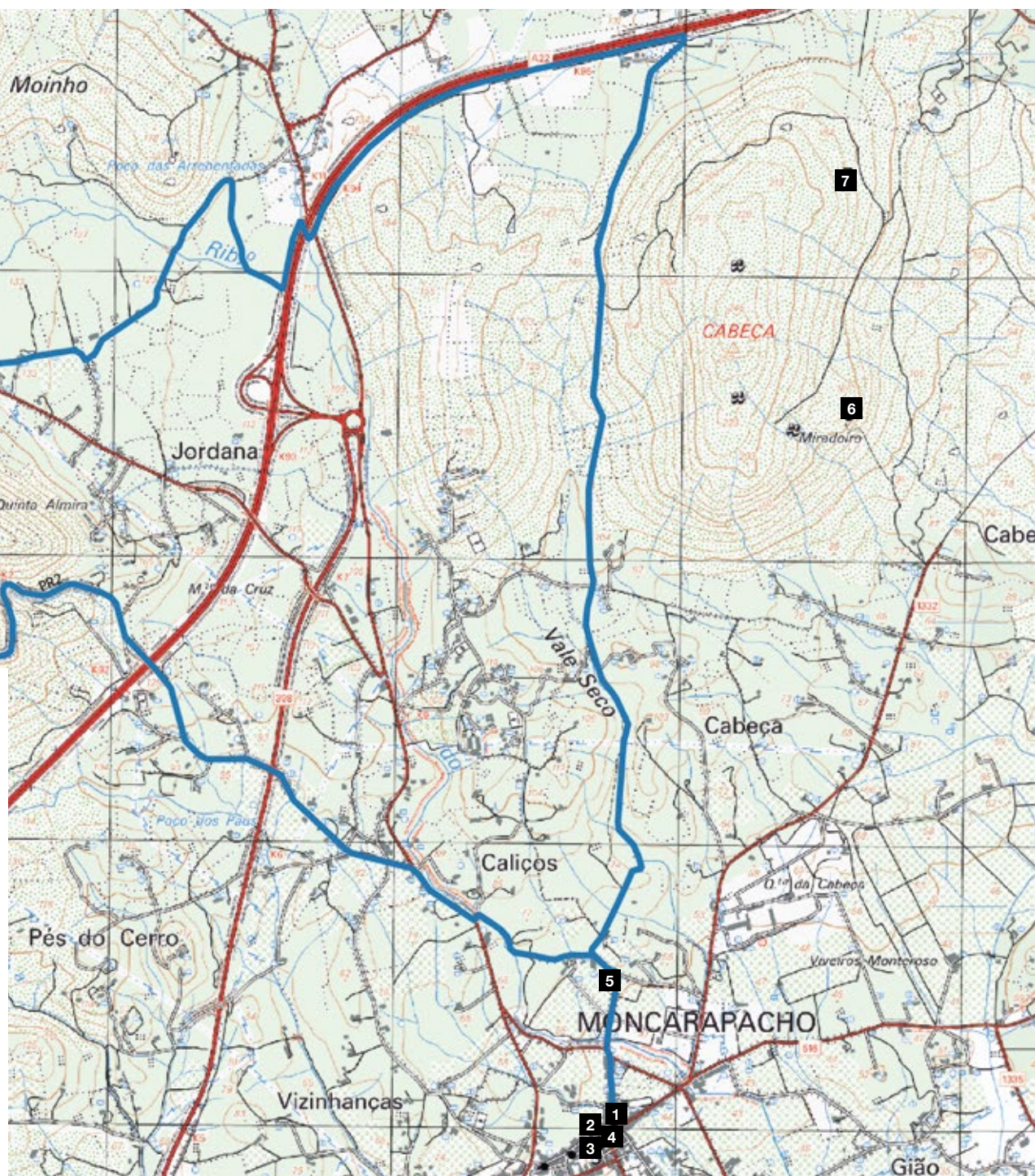
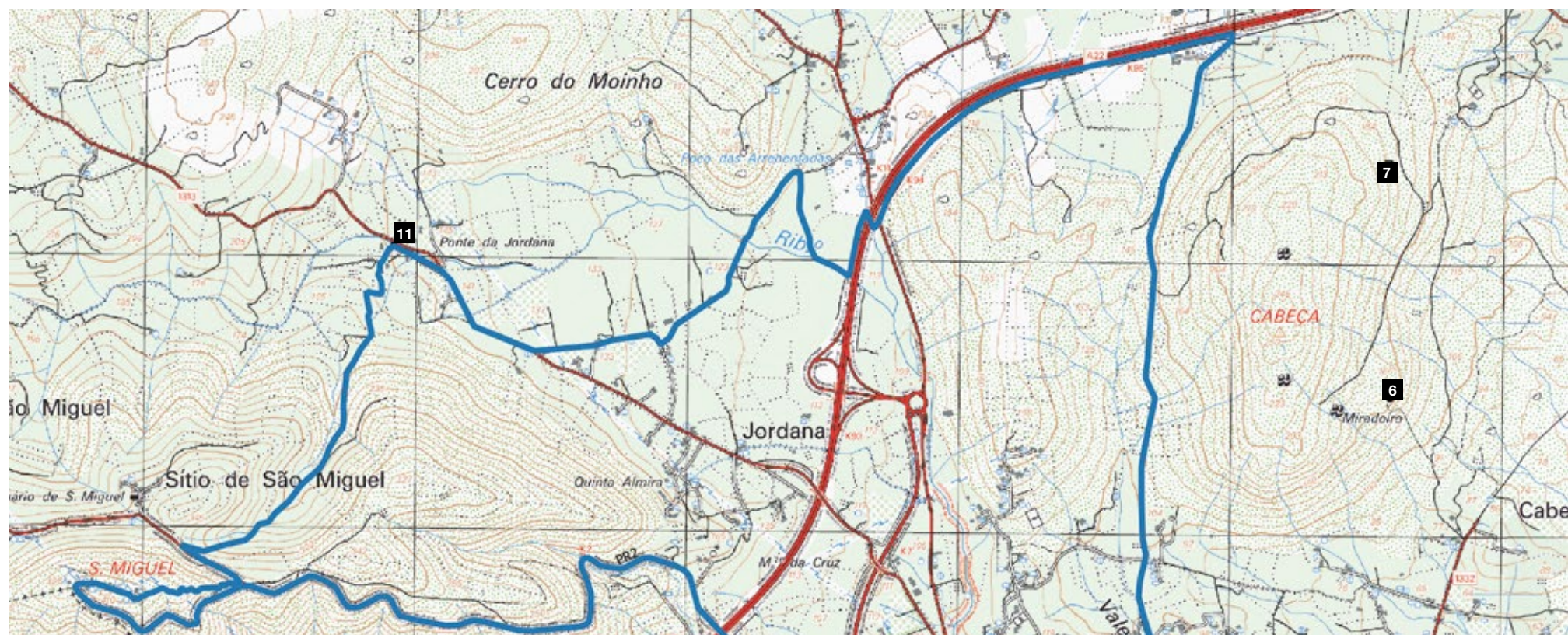
— Percurso / Route

1. Junta de Freguesia / Civil Parish Office
2. Igreja Nossa Senhora da Graça / Church of Nossa Senhora da Graça (Our Lady of Grace)
3. Igreja de São Francisco / Church of São Francisco (Saint Francis)
4. Igreja da Misericórdia / Church of Misericórdia (Mercy)
5. Calçada Medieval / Mediaeval Paving
6. Miradouro do Cerro de São Miguel / Viewpoint on the São Miguel Hill
7. Gruta da Ladroeira Grande / Ladroeira Grande Cave
8. Igreja de Nossa Senhora do Carmo / Church of Nossa Senhora do Carmo (Our Lady of Mount Carmel)
9. Estação de Socorros a Náufragos / Lifeboat Station
10. Torre de Bias / Bias Tower
11. Torre de Bias II / Bias Tower II



Perfil topográfico / Topographic profile



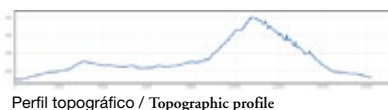


Caminho de São Miguel / São Miguel Route

PR2 – 14.5Km

— Percurso / Route

1. Junta de Freguesia / Civil Parish Office
2. Igreja Nossa Senhora da Graça / Church of Nossa Senhora da Graça (Our Lady of Grace)
3. Igreja de São Francisco / Church of São Francisco (Saint Francis)
4. Igreja da Misericórdia / Church of Misericórdia (Mercy)
5. Calçada Medieval / Mediaeval Paving
6. Miradouro do Cerro de São Miguel / Viewpoint on the São Miguel Hill
7. Gruta da Ladroeira Grande / Ladroeira Grande Cave
8. Igreja de Nossa Senhora do Carmo / Church of Nossa Senhora do Carmo (Our Lady of Mount Carmel)
9. Estação de Socorros a Náufagos / Lifeboat Station
10. Torre de Bias / Bias Tower
11. Torre de Bias II / Bias Tower II



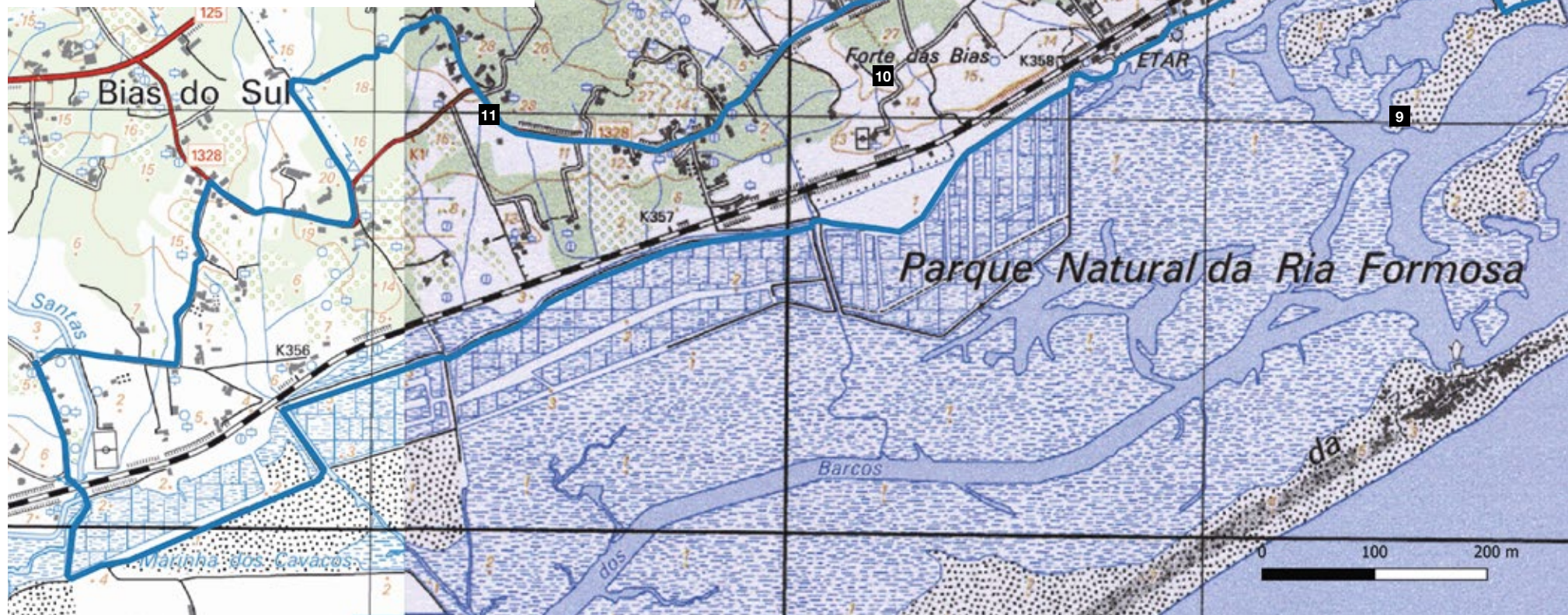
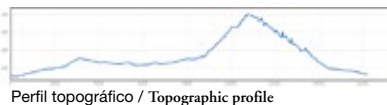
Caminho da Ria Formosa

Ria da Formosa Route

PR3 – 7.5Km

— Percurso / Route

1. Junta de Freguesia / Civil Parish Office
2. Igreja Nossa Senhora da Graça / Church of Nossa Senhora da Graça (Our Lady of Grace)
3. Igreja de São Francisco / Church of São Francisco (Saint Francis)
4. Igreja da Misericórdia / Church of Misericórdia (Mercy)
5. Calçada Medieval / Mediaeval Paving
6. Miradouro do Cerro de São Miguel / Viewpoint on the São Miguel Hill
7. Gruta da Ladroeira Grande / Ladroeira Grande Cave
8. Igreja de Nossa Senhora do Carmo / Church of Nossa Senhora do Carmo (Our Lady of Mount Carmel)
9. Estação de Socorros a Náufragos / Lifeboat Station
10. Torre de Bias / Bias Tower
11. Torre de Bias II / Bias Tower II



Ficha Técnica / CREDITS

Edição e propriedade / PUBLICATION AND COPYRIGHT

Câmara Municipal de Olhão / Olhão Municipal Council

Largo Sebastião Martins Mestre

8700-349 Olhão

Design e paginação / GRAPHIC DESIGN AND PAGE LAYOUT

Atelier Gráficos à Lapa

Ovelha Negra_Collectivo

Texto / TEXT

Gonçalo Duarte Gomes

Tradução / TRANSLATION

Inpokulis, Lda.

Fotografia / PHOTOGRAPHY

Filipe da Palma

Base Cartográfica / MAPS

CIGeoE - Centro de Informação Geoespacial do Exército /

(Military Geospatial Information Centre)

Impressão / PRINTING

Gráfica Comercial

Tiragem / PRINT RUN

20 000

Distribuição Gratuita / DISTRIBUTED FREE